

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA - CCSST  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

**DÉBORAH COSTA FERREIRA SOUSA**

**O FEMINICÍDIO NO JORNAL O *PROGRESSO ONLINE*: ANÁLISE DAS NOTÍCIAS  
DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19**

IMPERATRIZ - MA  
2022

**DÉBORAH COSTA FERREIRA SOUSA**

**O FEMINICÍDIO NO JORNAL O PROGRESSO ONLINE: ANÁLISE SOBRE AS  
NOTÍCIAS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19**

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dr<sup>a</sup>. Roseane Arcanjo Pinheiro

IMPERATRIZ - MA  
2022

**DÉBORAH COSTA FERREIRA SOUSA**

**O FEMINICÍDIO NO JORNAL O PROGRESSO ONLINE: ANÁLISE SOBRE AS  
NOTÍCIAS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19**

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
como requisito parcial para a obtenção do  
título de Barachel em Comunicação Social  
com habilitação em Jornalismo pela  
Universidade Federal do Maranhão.

Aprovado em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

**Banca Examinadora**

---

**Orientadora**

Profa. Dr<sup>a</sup>. Roseane Arcanjo Pinheiro - UFMA

---

**Membro da banca (1)**

Prof. Dr. Alexandre Zarate Maciel - UFMA

---

**Membro da banca (2)**

Prof<sup>a</sup>. Dr. Yara Medeiros dos Santos - UFMA

Dedico a todas as mulheres que sofrem violência doméstica e  
aquelas que não estão mais vivas para se defender.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por me conceder a oportunidade de ter chegado até aqui, sem Ele não seria possível. Obrigada, Senhor, por toda tua força e compaixão por mim!

À minha orientadora, professora Dr<sup>a</sup>. Roseane Arcanjo Pinheiro, pelo seu apoio, pelo tempo dedicado a mim e a toda dedicação e carinho que me deu ao longo da caminhada. Obrigada, professora, de coração, pela orientação!

Agradeço também à minha família, que nunca me abandonou, em especial meus pais, José e Edilene que sempre acreditaram no meu potencial, me apoiando em todas as fases da minha vida até aqui. Digo com toda certeza, que suas orações me fortaleceram e continuarão me encorajando para conquistar meus objetivos, eu amo vocês!

Ao meu esposo Jeferson, pela paciência quando estava nervosa, pelo companheirismo nos momentos bons e ruins. Por me acompanhar durante todo esse processo, me incentivando e acreditando que podemos conquistar tudo que quisermos. Te amo!

À minha irmã, Denise Costa, que sempre me ajudou em todos os aspectos da minha vida, que mesmo com menos idade que eu, a vejo como uma menina-mulher que busca assim como eu realizar seus desejos e planos, acredite minha irmã, você pode tudo!

Aos meus amigos e familiares próximos, que me incentivaram e torceram por mim, minha eterna gratidão a cada um de vocês!

Não menos importante, à minha gatinha, Magali, que durante a elaboração deste trabalho, sempre esteve próxima, e se fez presente do início ao fim.

## RESUMO

O feminicídio é o assassinato de uma mulher simplesmente pelo fato de ser mulher. Também é papel do jornalismo ser um instrumento de alerta e orientação para reduzir esse tipo de crime. O presente trabalho tem como tema o feminicídio no site *oprogresso.net* e tem como objetivo geral analisar as notícias veiculadas no período de março de 2020 a dezembro de 2021, durante a pandemia da Covid-19. A principal motivação pelo estudo ocorre principalmente pelo cenário em que mulheres vítimas da violência de gênero tiveram que passar mais tempo com o agressor dentro de casa e, assim, agravando os números de mulheres mortas. Os objetivos específicos para análise foram os tipos de fontes utilizados nas matérias, os locais onde aconteceram os crimes, as principais motivações, os perfis da vítima e do agressor e os tipos de armas utilizadas. A pesquisa teve como embasamento as contribuições de Mielniczuk (2003) sobre as nomenclaturas sobre jornalismo na internet, as características das notícias para internet definida por Palácios (2002), o estudo sobre os primórdios da imprensa na internet em Imperatriz segundo Bueno e Batalha (2016), o conceito sobre violência proposto por Saffioti (2001), os dados trazidos pelos Fóruns Brasileiros de Segurança Pública sobre feminicídio e a classificação sobre o que é fonte dada por Schimitz (2011). O trabalho discorre brevemente sobre a trajetória do jornal *O Progresso*, além de descrever o site analisado. Constatou-se que a maioria das fontes utilizadas nas matérias são fontes oficiais, principalmente com registros policiais, trazendo apenas informações breves e descontextualizadas, além de possuir somente gêneros jornalísticos como nota e notícia.

**Palavras – chaves:** Ciberjornalismo. Feminicídio. O Progresso.net. Notícias. Análise.

## **ABSTRACT**

Femicide is the murder of a woman simply because she is a woman. It is also the role of journalism to be an instrument of alert and guidance to reduce this type of crime. The present work has as its theme the femicide on the website [oprogresso.net](http://oprogresso.net) and its general objective is to analyze the news published from March 2020 to December 2021, during the Covid-19 pandemic. The main motivation for the study is mainly due to the scenario in which women victims of gender violence had to spend more time with the aggressor at home, thus aggravating the number of dead women. The criteria for analysis were the types of sources used in the articles, the places where the crimes took place, the main motivations, the profiles of the victim and the aggressor and the types of weapons used. The research was based on the contributions of Mielniczuk (2003) on the nomenclatures on internet journalism, the characteristics of internet news defined by Palácios (2002), the study on the beginnings of the internet press in Imperatriz according to Bueno and Batalha (2016), the concept of violence proposed by Saffioti (2001), the data brought by the Brazilian Public Security Forums on femicide and the classification of what is a source given by Schimitiz (2011). The work briefly discusses the trajectory of the newspaper O Progresso, in addition to describing the website analyzed. It was found that most of the sources used in the articles are official sources, mainly with police records, bringing only brief and decontextualized information, in addition to having only journalistic genres such as note and news.

**Key words:** Cyberjournalism. Femicide. Progresso.net. News. Analysis.

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Relação dos tipos de fontes identificadas nas matérias sobre feminicídio e tentativa de feminicídio.....	41
<b>Gráfico 2:</b> Demonstrativo dos locais que aconteceram o crime veiculados.....	46
<b>Gráfico 3:</b> Demonstrativo das cidades que ocorreram os crimes veiculados .....	49
<b>Gráfico 4:</b> Principais motivações dos feminicídios e tentativas de feminicídios .....	50
<b>Gráfico 5:</b> Faixa etária das vítimas de feminicídios e tentativas de feminicídios .....	52
<b>Gráfico 6:</b> Faixa etária dos autores dos crimes de feminicídios e tentativas de feminicídios. ....	54
<b>Gráfico 7:</b> Faixa etária dos autores dos crimes de feminicídios e tentativas de feminicídios. ....	55
<b>Gráfico 8:</b> Tipos de armas utilizadas nos crimes de feminicídios e tentativas de feminicídios .....	55



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 JORNALISMO ONLINE E A VIOLÊNCIA DE GÊNERO .....</b>	<b>12</b>
2.1 Jornalismo Online .....	13
2.2 Cibejornalismo e o feminicídio .....	19
2.3 O feminicídio.....	22
<b>3 O PROGRESSO.NET COMO EXPRESSÃO REGIONAL .....</b>	<b>26</b>
3.1 Trajetória do Jornal.....	26
3.2 Os primórdios do jornalismo online em Imperatriz.....	28
3.3 O Progresso.net .....	31
<b>4 ANÁLISE DAS NOTÍCIAS SOBRE FEMINICÍDIO NO SITE O PROGRESSO.NET ..</b>	<b>39</b>
4.1 Primeira análise: as fontes presentes nas matérias .....	41
4.1.1 As fontes oficiais .....	42
4.1.2 As fontes testemunhais .....	43
4.1.3 As fontes familiares .....	44
4.1.4 Fontes não identificadas.....	44
4.2 Os locais onde aconteceram os crimes .....	46
4.3 As motivações dos feminicídios veiculados no site .....	50
4.4 Perfil da vítima e do autor do crime.....	51
4.5 Tipificações do crime.....	55
<b>5 CONCLUSÕES .....</b>	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>59</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>65</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Feminicídio, por definição, é um crime de gênero em detrimento das relações de poder entre gêneros. Conforme o que explica a lei, o ato violento praticado contra mulher devido à sua condição, ou seja, ser do gênero feminino, relativo à violência doméstica ou menosprezo pela condição de ser mulher, diferente do homicídio, na qual não há motivações de gêneros que levem a um ser humano a matar o outro (FONSECA et al, 2018). Dias (2010) corrobora ao caracterizar o feminicídio como a tentativa de demonstração de poder/dominação, normalmente, presente em ambientes domésticos, no qual o homem cumpre o papel de provedor e todos os componentes familiares “devem” ser submissos ao seu domínio.

Bourdieu (1999, p. 116, apud Fonseca et al., p. 56) explica que [...] as mulheres, uma vez excluídas da esfera pública”, ainda nos dias atuais, não faz jus à remuneração alguma, contribui para desvalorizá-la e perpetuar a dominação patriarcal”.

Nessa perspectiva, a violência diz respeito à uma relação/disputa de poder, na qual o homem usa da agressão física, mental e social para submeter a vítima ao seu bel prazer. Isso se dá, principalmente, devido aos fatores socioestruturais: o indivíduo observa as dinâmicas relacionais de modo binário, ou seja, como dominador e dominado. A violência, nesse sentido, renova o ciclo de agressão e sustenta o poder de submeter o gênero feminino subserviente. Entretanto, o direito resguarda a liberdade do ser humano em se autodeterminar (ALMEIDA, 2007).

A violência de gênero é um instrumento de dominação. Fonseca et al. (2018) destaca que o “feminicídio é a última instância de controle da mulher pelo homem: o controle da vida e da morte.” O autor caracteriza, indiretamente, o perfil do homem (agressor e detentor do controle) e da mulher (vítima e submissa) e o produto final dessa relação tortuosa, ou seja, a morte.

Na pandemia, os casais foram obrigados a manter-se em casa e que impulsionou alguns comportamentos distintos, como, por exemplo, a alta de consumo de delivery, aumento de peso, aumento nos índices de adoecimento mental e a violência doméstica seguiu o mesmo passo. Segundo dados de 2020, a Alto-

comissariado das Nações Unidas para os Refugiados – ACNUR houve um aumento de 566%, passando de 15 casos por dia para 100 (ACNUR, 2020).

A Rede de Assistência e Proteção Social-RAPS recomenda que as mulheres em situação de violência doméstica denunciem e levem os seus casos a público, pois a única maneira de intervir é por meio da comunicação (BRASIL, 2022). Nesse sentido, o diálogo, a denúncia e a exposição tornam-se aliadas no processo identificação do agressor, tal como, o amparo à vítima.

Atualmente, a mídia tem exercido esse papel de guardiã da memória pública e expositora das situações de violência doméstica. A relevância dos veículos de comunicação impulsionou a população a cobrar por medidas, como a criação da Lei Maria da Penha. Logo, percebe-se que a mídia é e pode ser uma ferramenta de instrução e alerta (AGÊNCIA BRASIL, 2020).

Contudo, ao analisar as matérias sobre feminicídio e violência de gênero observou-se no site *oprogresso.net* que aquelas publicadas durante o período da pandemia apresentam poucas informações, muitas vezes são resultado de recortes de boletins de ocorrência, ou de relatos familiares e fontes não identificadas que, por sua vez, podem minimizar o fato, tornando a violência como algo banal, corriqueiro. Em Imperatriz, o jornalismo se comportou da mesma forma, já que a necessidade do isolamento social dificultou o processo de investigação da notícia. Surge, então, o questionamento: Como os casos de feminicídio foram retratados no período da pandemia da covid-19?

Portanto, a necessidade de compreender esse fenômeno e a delimitação de espaço geográfico influenciaram no direcionamento da pesquisa para o jornal *O Progresso Online*. Logo, o objetivo do estudo foi o de analisar as notícias sobre feminicídio publicadas pelo jornal *O Progresso Online*. Já os específicos focaram em identificar quais são as fontes presentes nas matérias e sua representação nas notícias; verificar os locais que ocorreram os crimes, identificar as motivações e como são narrados pelo jornal, além de identificar os perfis da vítima e do agressor. O trabalho propõe-se em compreender o conceito de jornalismo *online* e violência de gênero; ilustrar a história do jornal analisado; e analisar as reportagens sobre feminicídio.

A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo com abordagem qualitativa e quantitativa, de cunho descritivo. A pesquisa pode ser segmentada em três momentos: Revisão bibliográfica para o corpo teórico do estudo; Seleção das matérias publicadas no site [oprogreso.net](http://oprogreso.net) durante o período de março de 2020 a dezembro de 2021; e análise de dados, com cinco critérios de análise.

No primeiro momento, houve a pesquisa na base do estudo de revisão que se iniciou por meio da delimitação do tema, da definição da pergunta norteadora e dos descritores controlados “Jornalismo”, “Violência de gênero”, “Pandemia”, resultando em um nicho para o levantamento bibliográfico nas bases de dados Scielo e Periódico da Capes como bases indexadas.

Em um segundo momento, realizou-se a triagem dos materiais referentes ao período de março de 2020 a dezembro de 2021, verificando a presença da violência doméstica, dados e tipo de relato, excluindo matérias duplicadas, continuas ou que não satisfazem a proposta da pesquisa.

Na terceira etapa, foram aplicados cinco critérios de análise para identificar as fontes das matérias: os locais que ocorreram os crimes, motivações da violência, identificação do perfil do agressor e da vítima e a tipificação do crime. Para além disso, a estrutura do trabalho é dividida em seis capítulos.

O primeiro refere-se à introdução da pesquisa, desde ambientação até a metodologia aplicada. O segundo aborda os conceitos e dados sobre jornalismo online, violência de gênero e feminicídio. Já o terceiro trata dos aspectos históricos e funcionais do site [oprogreso.net](http://oprogreso.net), enquanto o quarto explica a relação entre pandemia e o aumento dos casos de feminicídio. O quinto capítulo, por sua vez, destrincha as notícias selecionadas e as analisa conforme cinco aspectos: fontes, locais do crime, motivações, perfis da vítima e do autor dos crimes. Por fim, o último capítulo apresenta análises e, na sequência, as principais conclusões da pesquisa.

## 2 JORNALISMO ONLINE E A VIOLÊNCIA DE GÊNERO

### 2.1 Jornalismo Online

Neste capítulo iremos tratar sobre o jornalismo online, trazendo suas principais características, além de demonstrar que este tipo de abordagem é visível neste meio, possibilitando discussões como o feminicídio, que abordaremos nesta pesquisa.

O jornalismo online não é simplesmente uma transferência do jornalismo impresso, de rádio ou televisivo para um novo meio, ou seja, a internet (CANAVILHAS, 2001). Segundo Martins (2013), esta especialização possui nomenclaturas diferentes, mas todas designam a mesma ideia de um jornalismo informativo, que é publicado na internet. Outros conceitos conhecidos são: jornalismo digital, eletrônico ou multimídia, além de webjornalismo e ciberjornalismo. A autora completa que, independentemente do termo utilizado, todos estes conceitos designam a mesma ideia: produção de conteúdo informativos e noticiosos para divulgação no ambiente da internet.

Mielniczuk (2003) também complementa esses outros tipos de nomenclaturas para o jornalismo na web, visto que na maioria das vezes as definições são usadas sem distinguir cada uma delas. A autora aponta que o termo jornalismo eletrônico é o mais abrangente, pois diz respeito a todos equipamentos utilizados na prática jornalística. Sobre o jornalismo digital, a autora acredita que se refere a algo mais restrito e, segundo ela, este também poderia ser denominado como multimídia, pois não se usa apenas aparelhos eletrônicos, mas, sim, trabalha com a possibilidade de utilizar diferentes combinações, como as de texto, som e imagem.

Outra nomenclatura seria o ciberjornalismo, que diz respeito à produção jornalística com auxílio do ciberespaço. Mielniczuk (2003) traz como exemplo utilizar computadores para gerenciar um banco de dados para elaboração de uma matéria. Já o termo “online”, a autora associa à ideia de uma conexão em tempo real, que em muitos casos utiliza recursos digitais, sendo algo mais restrito que os outros termos citados acima. Quanto ao webjornalismo, a autora diz que:

O webjornalismo, por sua vez, refere-se a uma parte específica da internet, que disponibiliza interfaces gráficas de uma forma bastante amigável. A internet envolve recursos e processos que são mais amplos do que a web, embora esta seja, para o público leigo, sinônimo de internet. (MIELNICZUK, 2003, p.26).

Diante do que foi exposto, Mielniczuk (2003) apresenta resumidamente as nomenclaturas na seguinte forma:

**Tabela 1:** Nomenclaturas resumidas

<b>Nomenclatura</b>	<b>Definição</b>
Jornalismo eletrônico	utiliza equipamentos e recursos eletrônicos
Jornalismo digital ou Jornalismo multimídia	emprega tecnologia digital, todo e qualquer procedimento que implica no tratamento de dados em forma de bits.
Ciberjornalismo	envolve tecnologias que utilizam o ciberespaço
Jornalismo online	é desenvolvido utilizando tecnologias de transmissão de dados em rede e em tempo real.
Webjornalismo	diz respeito à utilização de uma parte específica da internet, que é a web.

**Fonte:** MIELNICZUK, 2003, p. 26

Para esta pesquisa, compreendemos que o veículo que iremos analisar se insere no ciberjornalismo, pois este termo estuda as relações entre máquinas e seres humanos. Schwingel (2008, p. 78), completa que:

O diferencial desta característica foi um dos primeiros mecanismos distintos do ciberjornalismo as “últimas notícias” (as conhecidas breaking news do jornalismo americano), que permitem acompanhar os desdobramentos de determinadas notícias e assuntos. Sua peculiaridade gerou o fim do horário de fechamento nas redações, alterando as rotinas de produção (SCHWINGEL,2008, p.78).

O ciberjornalismo está presente na internet e em nosso cotidiano de forma concomitante. Este tipo de jornalismo também compartilha com o seu público notícias do dia a dia e se modifica cada vez mais com as tecnologias, além de apurar, produzir matérias e distribuir aos internautas. Devemos lembrar que, por muito tempo, este avanço tecnológico não fazia parte da rotina dos profissionais de jornalismo, mas a partir desta evolução esta situação foi se modificando.

Para Roxo (2018), no decorrer dos anos o jornalismo tem vivido transformações, principalmente com a chegada das tecnologias digitais e plataformas vindas da internet. A autora afirma que o jornalismo lida com um momento de descobertas e adaptações tecnológicas tanto na produção, quanto na veiculação dos conteúdos na atualidade.

Lima (2015) destaca, por sua vez, que após a chegada da internet e a existência de computadores em casa, aos poucos o jornal impresso foi substituído pela tela do computador e, continua sendo modificado a partir do consumo dos smartphones e tablets. Segundo a autora, o jornalismo migrou para o meio *online* por volta dos anos 1990, nos Estados Unidos, quando a internet e computadores se popularizaram.

De acordo com Roxo (2018), essas modificações jornalísticas causadas pela tecnologia digital são consideradas importantes e servem de estudo para pesquisadores.

A primeira delas que podemos citar é a participação do público ou da audiência na produção do conteúdo jornalístico que costuma ser denominada por inúmeros termos: audiência participativa, jornalismo colaborativo, jornalismo amador, jornalismo cidadão, entre outros. Esta prática, que pode ser explicada de forma simplificada como a capacidade de qualquer cidadão registrar acontecimentos através de seus dispositivos móveis e transformá-los em informação ao enviá-los ou publicá-los através das plataformas interativas da internet. (ROXO, 2018, p.2).

Baptista (2014) afirma que o cenário do jornalismo *online* passa por uma mudança e está caminhando para uma convergência digital. Segundo ela, os jornais que mudaram para internet amadureceram para portais de notícias e, com isso, produzem imagens, vídeos, além de interagir com os leitores e ficarem disponíveis nas redes sociais. Ela ainda observa que os profissionais do jornalismo tiveram que se reinventar conforme a precisão de consumir as informações.

Diante do o que foi exposto, podemos ressaltar que o ciberjornalismo constantemente passa por modificações e está integralmente ligado à internet, podendo assim compreender que muitos dos internautas têm acesso aos conteúdos em qualquer lugar em que possam comentar e participar do processo de produção, expressando seus comentários e colaborando para criação de materiais jornalísticos.

Vale lembrar que, assim como as notícias tradicionais, as matérias produzidas para internet também possuem suas características e alguns autores da comunicação empenham-se em estudar seus conceitos. Um deles é Palacios (2002), que estabelece seis características principais do jornalismo na web: multimídia/ convergência, interatividade, hipertextualidade, personalização, memória e instantaneidade/atualização contínua.

Sobre o primeiro elemento, o autor destaca a “convergência dos formatos das mídias tradicionais (imagem, texto e som) na narração do fato jornalístico”. Isto significa que no jornalismo digital é possível utilizar várias linguagens de uma só vez, podendo relatar notícias com outros formatos e representar o jornal a partir destes recursos.

No contexto do jornalismo online, multimídia, refere-se à convergência dos formatos das mídias tradicionais (imagem, texto e som) na narração do fato jornalístico. A convergência torna-se possível em função do processo de digitalização da informação e sua posterior circulação e/ou disponibilização em múltiplas plataformas e suportes, numa situação de agregação e complementaridade. (PALACIOS, 2002, p. 2).

A segunda característica do autor, ou seja, a interatividade, se dá pela comunicação entre o jornalista e o leitor, ocorrendo de maneiras diferentes, como trocas de e-mails, comentários feitos pelos leitores, entre outras interações, podendo compreender assim, que o jornalista encontra outros espaços de diálogo com o público. O autor argumenta que a interatividade ocorre também ao navegar por hipertextos e completa que:

Diante de um computador conectado à Internet e a acessar um produto jornalístico, o Utente (usuário) estabelece relações: a) com a máquina; b) com a própria publicação, através do hipertexto; e c) com outras pessoas – autor(es) ou outro(s) leitor(es) - através da máquina. (PALACIOS, 2002, p. 3).

A terceira característica trazida pelo autor é a hipertextualidade, que se resume pela relação dos textos por meio de links, criando conexões e possibilitando uma complementação da notícia, levando o leitor a adicionar uma informação ao assunto. Essas conexões dos textos é uma forma única de o webjornalismo engajar o leitor em um diálogo com seu produto e assim o leitor decidir se irá acessar os conteúdos. Bufelli (2020) complementa que quando se fala sobre hipertextualidade, pode-se pensar em



um leitor de jornal impresso que tem a liberdade de ler as notícias na ordem que quiser. Porém, diferentemente do ciberjornalismo, o leitor consegue acessar materiais já publicados anteriormente, além de poder ler conteúdos feitos por outros veículos, tendo a oportunidade de percorrer sites e obter mais informações sobre o assunto.

A quarta característica dada por Palacios (2002) é a personalização do conteúdo. Segundo ele, também é denominada como “individualização”, pois o leitor tem a opção de configurar os produtos jornalísticos conforme seus interesses particulares. O autor também afirma que há *sites* que possibilitam filtrar assuntos do interesse do leitor e que há uma “hierarquização e escolha de formato de apresentação visual (diagramação)”. Portanto, significa dizer que ao visitar o site, a página inicial é carregada no aparelho do usuário e obedece aos critérios que foram estabelecidos anteriormente.

O quinto aspecto de Palacios (2002) sobre matérias *online* é chamado Memória e analisa exatamente sobre a acumulação maior de informações na Web do que em outras mídias. O autor argumenta que no ambiente online não existe a questão de espaço físico e completa que “desta maneira o volume de informação anteriormente produzida e diretamente disponível ao utente (usuário) e ao produtor da notícia é potencialmente muito maior no jornalismo online, o que produz efeitos quanto à produção e recepção da informação jornalística. (PALACIOS, 2002, p. 3).

Palacios (2002) também salienta como outro aspecto sobre o jornalismo da web a instantaneidade/atualização contínua, que diz respeito à rapidez no acesso e à facilidade de poder atualizar materiais de forma rápida.

A rapidez do acesso, combinada com a facilidade de produção e de disponibilização, propiciadas pela digitalização da informação e pelas tecnologias telemáticas, permitem uma extrema agilidade de atualização do material nos jornais da Web. Isso possibilita o acompanhamento contínuo em torno do desenvolvimento dos assuntos jornalísticos de maior interesse. (PALACIOS, 2002, p. 3).

Diante de todos esses aspectos podemos constatar que o ciberjornalismo possibilita estar diariamente rodeado de informações, pelas telas do celular, computador ou qualquer outro aparelho tecnológico. Bufelli (2020) completa que o jornalismo na web estimula um maior debate na sociedade, mesmo que superficial.

Segundo a autora, esta questão permite que a internet seja vista como um “espelho” e abre discussões para o público e jornalistas, trazendo pontos de observação sobre as conexões entre estas pessoas. “O jornalismo digital acaba, então, revelando outros lados, apresentando novas conjunturas (BUFELLI, 2020, p.30).

## **2.2 Cibejornalismo e o feminicídio**

Buscamos apresentar nesta pesquisa, três trabalhos que abordam a mesma temática deste estudo e encontramos o estudo de Sousa, Santos e Bezerra (2019) intitulado “A violência masculina contra a mulher em sites paraibanos de notícia”. Essa pesquisa tem como objetivo analisar como a mulher é representada e percebida nas matérias dos portais de notícias ClickPb, Blog do Márcio Rangel, Jornal da Paraíba e Paraíba Online. Compõe um Projeto de Iniciação Científica chamado “Jornalismo e Violência contra a mulher em sites paraibanos de notícias” e é desenvolvido por alunas do curso de jornalismo na da Universidade Estadual da Paraíba. A pesquisa, que foi divulgada na Intercom, utilizou como método a Análise de Conteúdo, descrita por Laurence Bardin (1977) e evidenciou 62 casos de violência contra mulher repercutidos em 115 matérias, nos quatro portais de notícias.

As autoras constataram que, dos quatro sites analisados, somente o Jornal da Paraíba segue a sua linha editorial com objetividade dos fatos e possui critérios de apuração e uma redação mais rígida. Os outros três portais, além de trazerem matérias de fatos reais, não oferecem ao leitor um debate e informações adicionais sobre o tema, além de que estes sites cometem deslizes éticos, como por exemplo, expor as vítimas do crime.

Outra pesquisa que situa nossa abordagem foi realizada pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, em Cachoeira – BA, pelas autoras Reis e Costa (2018) e diz respeito sobre como se dá a abordagem do Portal Correio24horas sobre os crimes de feminicídio. As autoras analisam os casos publicados durante março a novembro de 2017 e tem por objetivo desvendar o que o veículo traz de contribuição para denunciar este tipo de crime. Foram escolhidas para o trabalho, notícias sobre o assassinato de mulheres caracterizadas ou não como feminicídio. As autoras encontraram 19 matérias que correspondem às coberturas e 11 casos que foram

caracterizados como “assassinato de mulheres” e “feminicídio”. Constataram, por fim, que nas matérias a falta de contextualização era recorrente, além de a página não trazer informações ao leitor que contribuam para o debate sobre um tema tão grave no Brasil.

A terceira pesquisa selecionada é intitulada como “Jornalismo Digital e violência contra a mulher: uma análise de conteúdo do portal de notícias G1”, na qual Souza (2016) analisa 73 notícias diferentes sobre violência contra mulher. O estudo constata que a maioria são de casos de abuso sexual e feminicídio. Para realização do trabalho, foi utilizado como método a Análise de Conteúdo. A pesquisa apontou que a maioria dos casos foram causados pelos companheiros íntimos da vítima e que a maior parte dos acusados foi detida. O trabalho percebeu, ainda, que apesar do tema ter evoluído nos últimos anos, as notícias ainda são insuficientes quando veiculadas na internet. Outro ponto analisado pela autora foi que, apesar de algumas matérias permitirem uma boa compreensão do fato, em outras ainda falta maior apuração das informações, pois são baseadas em apenas uma fonte, a policial. Souza (2016) também afirma que, em nenhuma das notícias foi encontrada a presença de serviços que auxiliem a mulher em caso de violência.

### **2.3 Violência de gênero**

Neste contexto sobre o ciberjornalismo, podemos compreender que estas novas conjunturas acabam nos revelando diversos debates para a sociedade como um todo. As notícias publicadas diariamente, integram nosso dia a dia e nos levam a debater diferentes temáticas sociais. De acordo com (LAGE, 2014, p. 20), “o jornalismo é uma prática social que decorre da evolução da sociedade e consequente fragmentação de conhecimentos e funções da vida social”. Diante disso, essa instituição é fundamental para apontar discussões sobre casos de violência de gênero em diversos graus, sendo cometidas em maioria contra mulheres, crianças, idosos e pessoas LGBTQIA+. A violência pode ser caracterizada de diversas formas, como sexual, psicológica ou simbólica, contra alguém em situação vulnerável.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), uma em cada três mulheres no mundo, cerca de 736 milhões, já sofreram violência física ou sexual por

parte do seu parceiro (WHO, 2021). Diante disso, é notável que, diariamente, seja comum encontrar o relato de casos de violência de gênero, principalmente contra as mulheres em jornais e sites de todo país.

Nos dias atuais, a maioria da população está ligada nas informações de uma maneira muito rápida e prática. Uma pesquisa elaborada pelo Cetic.br (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação), apoiado pela Unesco, e pelo Cgi.br (Comitê Gestor da Internet no Brasil), mostra que o uso da internet no Brasil, chega a 152 milhões de pessoas entre 2020 e 2021, o que equivale a 82% da população. Em consideração a isso, podemos destacar o quanto a população está inserida neste ambiente tecnológico, o que traz um resultado: a participação popular em discussões de temas socialmente relevantes, como o da violência.

Conforme Saffioti (2004), a violência possui um conceito popular que prevalece há muito tempo. Segundo a autora, o termo se refere a qualquer violação da integridade da vítima, seja física, psíquica, sexual ou moral. Dias (2014) completa que a violência é um fato social e histórico dos seres humanos, pois não há conhecimento que nenhuma sociedade fosse isenta de violência. “Cada uma com suas configurações peculiares e diferenciadas através dos tempos pelas transformações sofridas.” (DIAS, 2014, p. 78). Muitas formas de violência persistem até hoje na sociedade, como é o caso de violência de gênero cometida principalmente por homens contra mulheres, aquela a partir de idades (dos adultos contra as crianças e contra os idosos), além das discriminações de raças que ainda persiste (MINAYO, 2009).

Saffioti (2001) é outra autora que aborda o assunto. De acordo com ela, a violência de gênero não vitimiza somente mulheres, mas também abrange crianças e adolescentes injustiçadas pelo patriarcalismo. A autora aponta que:

Violência de gênero é o conceito mais amplo, abrangendo vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos. No exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio (SAFFIOTI, 2001, p.115).

Especificamente nesta pesquisa, abordamos o feminicídio, sendo o ato mais extremo acometido pela violência de gênero do homem contra a mulher no jornal mais

antigo de Imperatriz, o jornal/site O Progresso.net, e destacando os principais objetivos da pesquisa, que serão expostos logo adiante.

Diante desta situação, encara-se a violência contra mulher que também se trata da violência de gênero. Esta pode ser conceituada como um poder do homem sobre a mulher, tornando-a dependente e subordinando-a a suas necessidades pessoais, sem deixar de registrar que essas desigualdades ecoam tanto na vida pública quanto privada e que, ao longo do tempo, esse fenômeno foi reforçado pelo patriarcalismo. Porém, esses tipos de violência não são um fenômeno natural, mas, sim, um processo construído socialmente (TELES; MELO, 2003, p. 18). Em 7 de agosto de 2006, com o objetivo de punir os agressores contra a mulher no seio familiar, foi sancionada a Lei Maria da Penha, que permanece como símbolo de luta a fim de proteger as mulheres que sofrem violência.

A existência dessa dimensão da desigualdade baseada no gênero combinada com aspectos da vulnerabilidade social de um grande grupo de mulheres (somados aos marcadores de classe, raça/etnia e geração) foram alguns dos fatores determinantes para a construção de uma legislação nacional especialmente dedicada à coibição da violência doméstica e intrafamiliar (SIMIONI E CRUZ, 2011, p.190).

Para compreendermos melhor sobre a legislação, ressaltamos que existem tipos de violência contra a mulher. O código penal brasileiro considera cinco formas de violência doméstica e familiar. A Lei Maria da Penha nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 afirma que são elas: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. No Artigo 1º, tal Lei “dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar”. Esta lei é a principal que protege as mulheres que acabam sendo vítimas da violência doméstica e é a partir dela que os agressores são presos e por consequência algumas medidas são tomadas, como: afastamento do lar por parte do agressor, impedimento de chegar próximo à vítima e suspensão de armas. A lei também garante ser necessária uma assistência econômica à vítima, pois muitas delas dependem financeiramente da pessoa que a agride<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Disponível em:

<[https://www.justica.pr.gov.br/sites/default/arquivos\\_restritos/files/migrados/File/divulgacao/Guia-Lei-Maria-da-Penha.pdf](https://www.justica.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/migrados/File/divulgacao/Guia-Lei-Maria-da-Penha.pdf)>. Acesso em: 24 de abril de 2022

Mota (2014) afirma que existe uma conscientização, tanto mundial quanto nacional, contra a violência da mulher, bem como políticas criadas para combater os crimes, mas, mesmo assim, a desigualdade de gênero ainda permanece. Conforme o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos - (MMFDH) o portal “Ligue 180”, da Central de Atendimento à Mulher, registrou em 2019, 1,3 (1.314.113) atendimentos telefônicos, sendo que 78,96% destas chamadas mais comuns são referentes à violência doméstica e familiar. A partir deste número, 61,11% referem-se à violência física; 19,85% de violência moral; e 6,11% de tentativa de feminicídio. Já em 2020, ano em que iniciou a Pandemia da Covid-19, o ministério publicou que foram registradas 105.821 denúncias de violência contra a mulher, também no Ligue 180 e no Disque 100. Desses registros, 72% (75,7 mil denúncias são de violência doméstica e familiar).

Vale ressaltar que de acordo com o MMFDH, a maioria das vítimas são declaradas de cor parda e possuem de 35 a 39 anos, apresentam ensino médio completo e uma renda de até um salário mínimo. Já os suspeitos mais comuns são os homens brancos e que possuem idade entre 35 a 39 anos.

Já no Maranhão, de acordo com o Ministério Público do estado (MPMA), em 2020, ocorreram 8.882 processos relativos a este crime. Do total, 4.927 destes registros nas Promotorias de Justiça, são referentes às medidas protetivas; 2.351 são denúncias de violência doméstica e 1.823 referem-se a ameaças. O ministério ainda informa que os maiores índices no estado estão: São Luís, com 4.908 processos; Imperatriz, com 1.662; São José de Ribamar, 548; Paço do Lumiar, 284; Açailândia, 274 e Santa Inês, 207.

Outro dado expressivo constatado pelo núcleo especializado da Defensoria Pública do Estado (DPE/MA), durante os oito primeiros meses de 2020, mais de 300 mulheres por mês buscaram atendimentos neste órgão e que no mesmo período, ocorreram mais de 2,4 mil agressões contra estas mulheres.

## **2.4 O feminicídio**

A violência durante anos assumiu formas e conteúdos impactando diversas sociedades e classes sociais. (ESCORSIM, 2014; GEBRIM, 2014). Muitas destas

mulheres que foram violentadas puderam denunciar seu agressor, mas apesar disso, outras não tiveram a oportunidade e acabaram com a vida ceifada. Após ter sido promulgada a Lei nº 11. 340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, outro marco importante para as mulheres foi a Lei do Femicídio, termo usado para designar o assassinato de mulheres cometidas pela razão de ser mulher, ou seja, por questão de gênero. Um dossiê realizado pelo Instituto Patrícia Galvão, diz que:

Femicídio é o assassinato de uma mulher pela condição de ser mulher. Suas motivações mais usuais são o ódio, o desprezo ou o sentimento de perda do controle e da propriedade sobre as mulheres comuns em sociedades marcadas pela associação de papéis discriminatórios ao feminino, como é o caso brasileiro (AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO, 2016).

O termo femicídio (*femicide*) foi utilizado pela primeira vez em 1976, pela militante feminista Diana Russel, em Bruxelas, durante um depoimento feito no *Tribunal Internacional de Crimes contra Mulheres* (PASINATO, 2011). Logo após, em parceria com Jill Radford, a autora escreveu um livro sobre Femicídio a fim de demonstrar a fundo a relevância desta problemática. As autoras utilizam a expressão *femicide* para afirmar que se trata do assassinato de mulheres apenas pelo seu gênero. Segundo elas, existe outra característica que explica o femicídio. As autoras apontam que não se trata de um evento único na vida das vítimas, mas se apresenta como fim de uma cadeia de horrores que inclui abusos verbais e físicos e com uma ampla gama de manifestações de violência e privacidade que as mulheres passam durante a vida. (RUSSEL E RADFORD, 1992, apud PASINATO, 2011).

O femicídio passou a ser considerado crime a partir de 2015, pela então presidente Dilma Rousseff (PT), que promulgou a Lei n. 13.104/2015, incluindo-o como crime hediondo. A Lei foi criada a partir da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI), que investigou a violência contra mulheres nos estados brasileiros entre março de 2012 e julho de 2013. De acordo com Path (2010), existem o femicídio pode se apresentar de duas formas: o íntimo e aquele que não é.

O primeiro tipo se refere ao crime cometido pelo homem com o qual a vítima tem ou manteve alguma relação, e o não íntimo diz respeito ao envolvimento dos familiares, do seu convívio e outros. A autora complementa que também é considerado crime de femicídio quando uma mulher é morta por tentar salvar a vida de outra, ou

seja, quando tenta intervir na ação do feminicídio. Nesse contexto, a OMS, cita que 38% dos assassinatos de mulheres são praticados pelos parceiros íntimos (WHO, 2021).

Somente no Brasil, um relatório produzido pelo Branco Mundial, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), indica que em 2020 cresceu 22,2% o número de feminicídios, particularmente entre março e abril, em 12 estados do país, comparando ao ano de 2019 (FBSP, 2020). O relatório afirma que, neste período, o número de casos subiu de 117 para 143 mortes. A pesquisa indica que o estado com mais agravamento foi o Acre, com 300%, passando de uma morte para quatro no bimestre. Segundo o Anuário de Segurança Pública, em 2020, ano de início da Pandemia da Covid-19 no Brasil, foram assassinadas 3.913 mulheres, sendo que 1.350 foram registrados como crime de feminicídio. Isso significa que 34,5% das vítimas foram mortas pelo fato de serem mulheres. Já no ano de 2019 foram contabilizados 1.330 feminicídios no Brasil. O Anuário aponta que 81,5% das mortes o autor são companheiros ou ex-companheiros da vítima, sendo 8,3% algum parente, 5,8% um conhecido e 4,3% um autor desconhecido. Sobre o perfil das vítimas, foi constatado que 33,2% das mulheres têm 18 a 29 anos de idade e 61,8% são negras, comparadas a 36,5% brancas.

O Anuário também informa que 54% das mulheres vítimas do crime de feminicídio foram mortas em sua residência por arma branca (55,1%). Segundo o último Atlas da Violência (2021), em análise durante 11 anos, o número de mulheres mortas em suas residências cresceu 10,6% e fora de suas casas teve uma redução de 20,6% no mesmo período analisado. Isso indica que aumentou casos de violência doméstica.

Em 2021 o Fórum Brasileiro de Segurança Pública afirmou que os dados preliminares têm como fontes os boletins de ocorrência das polícias civis das 27 Unidades da Federação e contabilizam 1.319 mulheres que sofreram a violência letal no último ano. De acordo com o Fórum, estas estatísticas indicaram um leve recuo de registros de feminicídio no ano de 2021, mas, em contrapartida houve um aumento de 3,7% nos casos de estupro de vulnerável, apenas do gênero feminino.

No Maranhão, segundo FBSP, o estado teve destaque negativo, já que passou de seis para 16 vítimas, um aumento de 166,7% (FBSP, 2020). O Anuário de



Segurança Pública destacou que no ano de 2020 ocorreram 65 casos de feminicídio no estado, comparando ao ano anterior da pandemia, quando foram contabilizados 48. Ao todo houve indicativo de 125 homicídios de mulheres, incluindo aqueles não considerados feminicídios. A Defensoria Pública do Estado (DPE/MA), demonstra que, de janeiro a agosto de 2020, houve mais de 300 ligações de denúncia de violência contra mulher por mês, sendo a maioria em ambiente familiar. No primeiro semestre, foram registrados 21 casos de mortes por feminicídio no estado (Agência Eco Nordeste, 2020).

Já em Imperatriz, a Delegacia de Homicídios comunicou que especificamente na cidade, no ano de 2019, ocorreram dois casos considerados feminicídios e no ano de 2020 outros cinco. Somente no mês de agosto de 2020 três mulheres, sendo este o mês mais violento dos últimos três anos.

### 3 O PROGRESSO.NET COMO EXPRESSÃO REGIONAL

#### 3.1 Trajetória do Jornal

O site do jornal ([www.oprogressonet.com](http://www.oprogressonet.com)) é fruto de uma experiência iniciada a mais de cinco décadas pelo jornal impresso O Progresso. O jornal foi fundado em 3 de maio de 1970 pelo tipógrafo e empresário José Matos Vieira e pelo advogado e jornalista Jurivê de Macêdo. Já a página analisada neste trabalho foi fundada na web no ano de 2001 e continua na ativa em 2022.

Vale lembrarmos que o jornal *O Progresso* surgiu em meio ao desenvolvimento econômico de Imperatriz. De acordo com Santos (2011), a cidade começou a ser reconhecida no Brasil a partir de 1960, por consequência dos avanços econômicos, políticos e sociais que aconteceram neste período. Vale destacar, que a imprensa em Imperatriz já havia surgido pelo escrivão e tabelião público, Antônio José Marinho, em 1932, quando eles lançaram o jornal chamado *O Alicate* (Reis, 2021). Segundo Edmilson Sanches (2002) apud Reis (2021), tratava-se de um periódico manuscrito com uma circulação irregular, publicado a partir de acontecimentos daquela época e com o interesse de serem distribuídos em alguns locais da cidade. O autor afirma que não há exemplar do jornal e nenhum registro do encerramento das suas atividades.

Além do *O Alicate*, outros noticiários também circularam em Imperatriz. Segundo Assunção (2011), em 1936 nasce o semanário *A Luz*, considerado o primeiro impresso de circulação regular da cidade. Outro foi chamado de *O Astro*, em 24 de julho de 1949, com conteúdo direcionados à política. Já em 1964 surgiu o jornal *Correio do Tocantins*. Atualmente, entre as publicações mencionadas, *O Progresso* é a única que mantém a circulação até 2022.

No ano em que o jornal foi fundado, o Brasil estava sobre controle do regime militar. A ditadura foi instalada no ano de 1964 e teve seu fim em 1985. Durante este período, muitos jornais de todo país eram alvo de censura militar e vários jornalistas que trabalharam no O Progresso, também foram calados e reprimidos.

“jornalistas que atuaram no jornal entre os anos de 1970, ano de sua fundação, até 1985, final da ditadura militar brasileira, sofreram repressões, chegando a serem convidados a prestar esclarecimentos na sede do exército da cidade” (GUIMARÃES, 2011, p.38).

Em sua primeira página, o jornal conta sobre a tentativa de iniciar com o *O Progresso* e fala sobre a dificuldade da falta de recursos para conseguir materiais e se manter. Logo adiante, o editorial menciona as “mãos amigas” que foram fundamentais para sua inauguração. Nesta primeira edição, o jornal apresenta sua proposta editorial, expondo:

É nossa aspiração fazer dêste noticioso um instrumento a serviço da coletividade de que somos parte. E que através de "O PROGRESSO" possa a voz de Imperatriz fazer-se sentir em outros rincões, levando até êles a demonstração da pujança desta terra querida que dia a dia desperta para novos rumos e novos empreendimentos, estuante de vida, marco de transição entre o marasmo que ficou sufocado pelas máquinas que rasgaram a Belém - Brasília e os horizontes que se descortinam ante os olhos de uma geração que surge. Dentro de uma linha de decência, de coerência, de respeito, é nosso propósito levar a todos a nossa mensagem de fé no trabalho de um povo que só agora nasce para o Maranhão e para o Brasil. (O PROGRESSO, 03 de maio de 1970, nº01, p. 01).

O jornal atualmente tem 52 anos de existência e traz consigo uma vivência expressiva quanto ao jornalismo regional. Desde seu surgimento, *O Progresso* passou por inúmeras dificuldades, principalmente financeiras, relatadas pelo ex-editor do jornal, Adalberto Franklin (2016)<sup>2</sup>. Conforme o autor, já falecido, o jornal crescia e durante os primeiros anos, ele funcionava com uma linotipo e uma impressora que imprimia duas páginas por vez. A partir disso, *O Progresso* passou a ser bissemanário, passando a ter prédio e funcionários próprios. O jornal enfrentou dificuldades e José Matos Vieira acabou vendendo *O Progresso* em 1975 para o ex-promotor de justiça Sérgio Antônio Godinho, o qual, segundo Franklin (2016), investiu em novas máquinas passando então a administração para Jurivê de Macêdo e o advogado Agostinho Noletto. Depois desta nova administração, o jornal deixou de ser bissemanal de quatro páginas e passou a ser diário, contendo 12 páginas.

---

<sup>2</sup> Franklin (2016) relata as principais dificuldades sofridas pelo jornal para sustentar como um impresso diário. O artigo está disponível na página do jornal na internet, no endereço eletrônico: <http://www.oprogreso-ma.com.br/institucional/1-edicao.html>.

Após quase dois anos de persistência, o jornal passava por outras dificuldades e Godinho decidiu vender novamente o impresso. Os novos proprietários, deixaram O Progresso em segundo plano e a publicação acabou perdendo forças, deixando de circular por alguns meses na cidade. Em 1978, Godinho retornou a Imperatriz e reassumiu o jornal, conseguindo recuperá-lo dos problemas encontrados, trazendo renovação e modernização ao diário. (FRANKLIN, 2016). Em 2022 O Progresso tem como editor Coriolano Rocha Miranda e direção de Sérgio Henrique Godinho.

### **3.2 Os primórdios do jornalismo *online* em Imperatriz**

Para compreender melhor sobre o objeto estudado, buscou-se apontar, segundo Bueno e Batalha (2016) o surgimento da imprensa na internet na cidade de Imperatriz-MA, demonstrando quais as páginas pioneiras que fazem parte deste desenvolvimento da imprensa local.

Conforme as autoras, entre as décadas de 1990 e 2000, surgiram as primeiras investidas de produção de notícias na internet e foi nos anos 1990 que nasceu o site do jornal O Progresso ([www.oprogressonet.com](http://www.oprogressonet.com)), considerado como o primeiro jornal online da cidade. De acordo com as autoras, a empresa de internet Júpiter Informática, fundada em 1997, foi responsável por hospedar a página do Progresso online. (BUENO e BATALHA, 2016).

Vale ressaltar que o Progresso.net não foi, sozinho, um dos pioneiros a possuir página na cidade. A Júpiter Internet, além de hospedar os conteúdos do Progresso Online, também possuía um site próprio. Este tinha o objetivo de divulgar a cidade e por conta disto, é considerada uma precursora do jornalismo online na época.

No ano de 1999, outra iniciativa também marcou este processo de digitalização dos jornais. A página era chamada de Por.com, disponível em [www.por.com](http://www.por.com) e oferecia conteúdos de entretenimento, chegando a atingir mais de 300 mil acessos por mês. O site saiu do ar em 2000 e não tinha fins lucrativos. As autoras consideram como “primeiro site colaborativo” da cidade.

Outros veículos também puderam mostrar seus trabalhos na rede, como foi o caso do site da Rádio Terra FM, sendo a primeira página deste tipo de veículo da

cidade de Imperatriz. Segundo as autoras, o site teve início em 1999 com fim em 2000 e tinha como principal objetivo alcançar ouvintes de outras regiões.

Estas primeiras páginas mencionadas acima, são sites desenvolvidos nas décadas de 1990. Já nos anos 2000, o número de veículos na internet aumentou. Bueno e Batalha (2016) contam que:

Sites de conteúdo especializado, a maioria deles voltado para o público religioso; páginas institucionais, que começaram a produzir notícias; outros veículos tradicionais que migraram para a web; além do mercado de entretenimento, com sites de eventos e agendas marcaram o período e a história da imprensa virtual nas terras à beira do rio Tocantins. (BUENO E BATALHA, 2016, p. 211)

Outra página importante de internet, que fez parte dos primórdios em Imperatriz é o site Cidade Esperança ([www.apazdosenhora.com.br](http://www.apazdosenhora.com.br)), da congregação religiosa Assembleia de Deus, que tem como principal grupo alvo o público evangélico. A página teve início em 2000 e até 2022 produz notícias em parceria com outros portais evangélicos.

Bueno e Batalha (2016) apontam outro segmento que faz parte até hoje na cidade. Segundo elas, são sites com coberturas de eventos divulgando as notícias e fotografias dos acontecimentos. Em Imperatriz, o primeiro site a conter este tipo de conteúdo era chamado Click-MA ([www.clickma.com.br](http://www.clickma.com.br)) e abrangia não só Imperatriz como as cidades, divulgando também uma agenda cultural sobre os eventos.

Outro modelo deste mesmo segmento nasce em 2002, chamado Imperlove ([www.imperlove.com.br](http://www.imperlove.com.br)), com público voltado principalmente para estudantes. Os idealizadores foram os integrantes do UNES (União dos Estudantes Secundaristas), que criaram o site para cobrir acontecimentos da cidade. Segundo as autoras, a página se especializou em coberturas de aniversário de 15 anos, o que teve como consequências vários acessos ao site.

Bueno e Batalha (2016) falam de outra página voltada a estudantes, porém, o público universitário que buscava informações de seu interesse. O pioneiro neste ramo foi o Acontece ([www.acontece.com.br](http://www.acontece.com.br)), criado em 2002. O principal foco da página era divulgar ações feitas pelo seu patrocinador principal, que na época era a Facimp (Faculdade de Imperatriz). Depois foi aberto para outras instituições de ensino superior

da cidade. O site divulgava as festas, além de eventos como ações e congressos feitos pelas faculdades.

As autoras apontam que:

O mercado informativo de eventos fez tanto sucesso que outros sites foram criados e mantiveram-se no mercado explorando esse perfil de publicação, tornando-se, sem sombra de dúvidas uma referência na história do jornalismo na web sul-maranhense. (BUENO E BATALHA, 2016, p. 212).

Um destes sites foi conhecido como Kamaleão ([www.kamaleao.com.br](http://www.kamaleao.com.br)). A página seguia este estilo informativo, publicando cerca de duas a três postagem por dia quanto a eventos particulares ou público. Conforme as autoras apontam, o site em alguns casos, reproduzia conteúdo de outros enquanto alguns textos são eram produzidos por eles próprios.

Outra página neste mesmo segmento sobre divulgações de eventos era chamada Impergospel ([www.impergospel.com.br](http://www.impergospel.com.br)), criado em 2006 em parceria com o site Imperlove. “Ali são disponibilizadas notícias do meio gospel, fotos, comentários sobre cantores, agenda de shows, mural de recados etc.” (BUENO E BATALHA, 2016, p. 2013)

Na mesma década de 2000, surgiram em Imperatriz iniciativas jornalísticas sobre sites institucionais da cidade, como foi o caso da página da Prefeitura e da Câmara Municipal. Respectivamente, o site foi criado em 2006 ([www.imperatriz.ma.gov.br](http://www.imperatriz.ma.gov.br)) na gestão do prefeito Jomar Fernandes (PT), mas só se concretizou na prefeitura Sebastião Torres Madeira (PSDB). Já o site da Câmara Municipal de Imperatriz ([www.camaraimperatriz.ma.gov.br](http://www.camaraimperatriz.ma.gov.br)), segundo as autoras, foi criado em 2008, com o intuito de transmitir as sessões ao vivo, porém o projeto não deu certo e apenas publica pautas e notícias sobre o Legislativo da cidade.

Outro marco do jornalismo online em Imperatriz foi investidas em sites mais tradicionais de notícias, conhecidos como: Imperatriz Notícias ([www.imperatriznoticias.ufma.br](http://www.imperatriznoticias.ufma.br)), dirigido por um professor de jornalismo com produções das notícias assinadas pelos acadêmicos da UFMA do curso de jornalismo. Apesar de ser um site de notícias, ele é laboratorial e sem fins lucrativos comparado aos outros comerciais. Também o site Do Minuto ([www.dominuto.com](http://www.dominuto.com)), ligado a uma

empresa de comunicação e com produções de jornalistas formados e o Imirante Imperatriz ([www.imirante.com/imperatriz](http://www.imirante.com/imperatriz)), da rede Globo criado em 2013, com cunho jornalístico, conciliando os modelos comercial, diário e jornalístico. (BUENO E BATALHA, 2016). Respectivamente, estes dois últimos produtos jornalísticos voltados para web são veículos mais tradicionais de notícia, que envolvem notícias de Imperatriz. Apesar de um deles não mais existir (Do Minuto), sua proposta era ser referência quanto ao webjornalismo da cidade.

Sobre o site noticioso Do Minuto, Reis, Moraes e Santos (2016) expõem que a plataforma surgiu em 10 de abril de 2012 e teve como slogan “Sempre Notícia”. A página foi o primeiro produto jornalístico voltado exclusivamente para web e trazia a ideia de instantaneidade (uma das características da plataforma online). Conforme os autores, o site possuía dez editorias, eram elas: Brasil, Cultura, Economia, Educação, Política, Polícia, Saúde, Geral, Mundo e “Opinião”. O veículo era vinculado a uma empresa chamada Canal Comunicação, que na época já possuía mais e 20 anos de atuação no mercado. Vale ressaltar que, por ser o primeiro site noticioso profissional, foi necessário divulgar a página nas mídias tradicionais para conseguir leitores *online*. Mesmo assim, o primeiro ano do site foi muito desafiador, “tanto pelas questões estruturais quanto pelo processo de identidade com o leitor e relacionamento com as fontes oficiais da cidade” (REIS, MORAIS e SANTOS, 2016, p. 223). Logo o site foi desativado em maio de 2014, tendo como causa principal a falta de anunciantes, pois segundo Chafi Braide, proprietário da Canal Comunicação, o valor arrecadado no site não dava para pagar nem a folha de funcionários. Outro motivo do encerramento da página é exposto pelo ex-editor chefe do site, Rodrigo Reis. Segundo ele, faltou planejamento a longo prazo e isso possibilitou uma série de limitações. (REIS, MORAIS e SANTOS, 2016).

Outro produto que serve como referência regional voltado para web é o site Imirante Imperatriz, com coberturas jornalísticas da cidade. Vinculado ao sistema Mirante de Jornalismo no qual representa a rede Globo em Imperatriz. O site surgiu no ano 2000 e segue os padrões da Rede Globo, apresentando hipertextos dando a possibilidade de passar por todas suas editorias. O portal possui ferramentas para que os usuários possam participar do processo de criação das notícias e percebe-se que

em todas as matérias o portal dá a possibilidade de os leitores fazerem seus comentários.

### 3.3 O Progresso.net

O jornal O Progresso disponibiliza o seu meio eletrônico desde os anos de 1990 no endereço: <http://www.oprogressonet.com/> e segundo o editor do jornal, Coriolano Filho (2016)<sup>3</sup>, o site alcança cerca de 212.00 visualizações de páginas por mês, estando também presente no Facebook, Instagram e Twitter. (OLIVEIRA, 2016). Segundo Bueno e Batalha (2016), o jornal foi considerado um dos pioneiros no ciberjornalismo imperatrizense e pode ser colocado como o primeiro webjornal da cidade. As autoras ressaltam que seis pessoas que fazem parte da equipe, com redatores de notícias produzindo edições impressas e digitais.

Com o tempo, o jornal também passou a ser *online*, possibilitando que usuários consigam acessar e obterem informações sobre as notícias do dia a dia, pois segundo Martins (2013):

O Jornalismo deixa de ser criado exclusivamente para determinados formatos, consoante o meio de comunicação, passando a incluir todos eles numa só plataforma, estando acessíveis através de um clique. Surge então um novo tipo de jornalismo adaptado ao formato digital e que se divulga através das novas tecnologias, mais precisamente, da Internet, ou seja, o denominado Jornalismo Online (MARTINS, 2013, p.5).

Diante destes avanços, qualquer pessoa que se conecte com a internet consegue acessar ao jornal e ficar a par das suas publicações. No site, o veículo possui a opção de assinatura digital, com a possibilidade de acompanhá-los a partir da tela do seu celular, computador ou tablets. Os planos para quem quer ter acesso ao jornal diário, porém em formato digital, custam a partir de R\$ 14,90 o mês e possibilitam que o internauta possa ler na íntegra todos conteúdos exclusivos do jornal.

A pesquisa visará analisar o noticiário do O Progresso.net disponibilizado em formato online no qual são publicadas diariamente notícias sobre Imperatriz e região.

---

<sup>3</sup> Filho, Coriolano Rocha Miranda. Editor do jornal O Progresso de Imperatriz em entrevista concedida via e-mail para acadêmica Nilzeth Alves Oliveira. A monografia está disponível no acervo da UFMA.



Vale ressaltar que estas notícias são publicadas no próprio site (<http://www.oprogresonet.com/>) e ficam disponíveis gratuitamente.

Em sua plataforma (site) estão presentes 23 editorias, são elas: Imperatriz; Economia; Internacional; Covid - 19; Regional; Educação; Meio Ambiente; Autos (automóveis); Polícia; Brasil; Eleições 2020; Religião; Política; Agro; Especial; Geral; Saúde; Opinião; Casa & Saúde; Jornal Online; Direitos Humanos; Justiça; Últimas Notícia. O site também possui um menu contendo assuntos como: notícias; colunas; entretenimento; Tokyo 2020; esportes; Maranhão do Sul; Tecnologia; Serviços; expediente; quem somos; anuncie; fale conosco.

É possível observar que no topo da página, estão disponíveis aos internautas, todas as redes sociais do jornal online, tais como: LinkedIn, Youtube, Twitter, Instagram, WhatsApp e Facebook. Ao todo, O Progresso possui atualmente uma média de 37.939 seguidores em suas redes sociais.

Figura 1: Página principal do progresso.net

Fonte: progresso.net

Em sua lateral, ao lado das “notícias em destaque” a página oferece alguns serviços como: “vacinômetro”, com informações e atualizações sobre a vacinação contra a Covid-19 em todos os estados do Brasil e ao clicar, nos leva à página oficial criada pelo Governo do Maranhão sobre o coronavírus. Logo abaixo, a página oferece a opção pela assinatura digital, que dá acesso ao conteúdo restrito do jornal disponibilizado em PDF e em FlipBook. Logo abaixo o site disponibiliza textos de alguns colunistas do jornal, e atualiza quase todos os dias colocando as publicações destas pessoas, como por exemplo o próprio Coriolano Filho, editor do jornal. Na mesma lateral, abaixo dos colunistas, a página traz datas comemorativas de cada dia, ressaltando o que é comemorado em todos os dias do ano.

O site também apresenta a “TV Progresso Web”, o qual disponibiliza filmes passando 24 horas e ficando acessível a quem quer assistir. Logo abaixo, é oferecido a “Rádio Progresso Web”, disponibilizando músicas e notícias para os internautas. Abaixo da Rádio Progresso, a página oferece a editoria de “opinião” para um acesso mais rápido ao leitor. Esta editoria é atualizada quase todos os dias e permite que autores escolhidos pelo jornal possam colocar seus textos opinativos no site. Abaixo desta caixa, a página disponibiliza um “Horóscopo Virtual”, contendo todos as previsões para todos os signos e ao clicar o internauta é direcionado a um site ([www.horoscopovirtual.com.br](http://www.horoscopovirtual.com.br)) e verificar seu horóscopo do dia. Além disso, logo abaixo o site oferece um campo sobre esportes que ao clicar te leva ao site da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e, ao rolar a página, você encontra notícias sobre futebol, Brasil, agro/meio ambiente, esportes, entretenimento e tecnologia. Vale lembrar que a além disto, o site possui propagandas de outras empresas, como por exemplo a Júpiter Internet que fez parte desde o início da iniciação da página do progresso.net.

Neste trabalho partimos do pressuposto que o progresso.net é construtor da realidade e que o jornal online, por ter muito tempo de funcionamento e por veicular notícias do dia a dia, acaba sendo um agente social que fica a serviço da sociedade. Diante disto, Gama e Dadalto (2009, p.08) explicam que “as notícias são construções sociais desde o momento em que surgem e são consolidadas na sociedade, bem como quando são propagadas até o veículo de comunicação”. Isso significa dizer que os fatos

e ações notificáveis são formados por meio de relação sociais que, naturalmente subjetivas, sustentam os eventos da realidade. As autoras reforçam que os responsáveis por levar os fatos aos repórteres (que pode ser qualquer pessoa que tenha informação sobre o acontecimento - desde o protagonista até algum jornalista da empresa) também influencia subjetivamente tal propagação (GAMA, DADALTO, 2009).

A partir desta compreensão, decidimos desenvolver neste capítulo, não somente a história do jornal, como também seria de muita importância, situar o jornal em um contexto social, mostrando como ele constrói suas notícias com diferentes temas regionais, trazendo os discursos e imagens que o jornal tem propagado, sejam elas ruins ou boas. Vale ressaltar que não foi encontrado nenhum material que abordasse matérias analisadas do próprio site do progresso.net. Assim, os trabalhos que iremos discutir são produzidos pelos estudantes do curso de jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) sobre assuntos que foram publicados no O Progresso impresso.

Ao todo selecionamos três trabalhos a fim de situar nossa pesquisa, são eles: Entre a realidade e o jornalismo: a construção do homicídio no jornal O Progresso; A representação dos movimentos sociais nas páginas do jornal O Progresso e A representação da violência contra a mulher no Jornal O Progresso. Os trabalhos demonstram como o jornal constrói a notícia e a realidade, mostrando como é o perfil jornalístico.

O primeiro trabalho escolhido é o de conclusão de curso feito por Santos (2011), em que a autora faz uma pesquisa detalhada sobre os homicídios de pistolagem em Imperatriz e como é representado estes crimes pelo jornal O Progresso. A autora identificou os principais tipos de homicídios no jornal, verificou as fontes presentes nas matérias e como elas são representadas, além de fazer uma averiguação das principais motivações do crime e compreender como eles são narrados pelo diário. A pesquisa tem como objetivo comparar o número de homicídios veiculados no O Progresso com as estatísticas do Instituto Médico Legal (IML) de Imperatriz.

Santos (2011) tem como resultado da pesquisa que o principal jornal impresso de Imperatriz utiliza sensacionalismo e descontextualiza as notícias sobre violência. De

acordo com ela, o jornal mostra os crimes de maneira individual e possui uma maior predominância de fontes institucionais. Segundo a autora, a pistolagem não aparece na editoria de polícia como motivo do crime e conclui que o jornal não apura os fatos como deveria ser. Este papel seria do repórter policial em apurar os crimes. Com isso, Santos (2011) explana que há, principalmente, registros de Boletins de Ocorrências (BO) e informações que são fornecidas pelos policiais. Outro problema apontado é que muitos dos crimes identificados, a sua principal motivação não é evidenciada pelo jornal, concluindo a falta de compromisso do jornalista com a informação.

A segunda pesquisa selecionada aborda a representação dos movimentos sociais no jornal O Progresso no período de março a maio de 2015, contendo 28 matérias analisadas com o propósito na pesquisa. Oliveira (2016) aponta que o jornal não se preocupa em fazer uma correspondência com os nomes de suas editorias e o local de onde ocorreu os fatos. A autora relata que algumas das matérias identificadas não conseguiram determinar sua origem e acabaram sendo classificadas como sem identificação. De acordo com ela, este fato demonstra a falta de comprometimento com o jornal, pois muitas destas informações são apenas *releases*<sup>4</sup> ou notícias vindas de outros sites.

A autora identificou que o jornal utiliza a expressão “atos criminosos” para referir-se às ações negativas do movimento e que de sete notícias sobre os movimentos, apenas duas foram escritas pelo próprio jornal, sendo que apenas uma foi manchete do diário. A autora também relata que o número de abordagens sobre os movimentos sociais no jornal é positiva, porém, este acaba construindo a imagem do MST como um movimento perigoso e violento.

Oliveira (2016) critica que o jornal, apesar de dar visibilidade aos movimentos sociais, acaba construindo relatos sobre esses agentes de maneira descontextualizada, não se preocupando em aprofundar questão sobre conhecer as origens dos movimentos sociais, nem ressaltar as suas lutas e conquistas, informar a quantidade de integrantes e qualquer outra informação que traga a possibilidade de o leitor conhecer este tipo de relevância social.

---

<sup>4</sup> *Releases* são textos curtos jornalísticos escritos por assessores de imprensa, encaminhados para veículos de comunicação com o objetivo de promover pessoas ou instituições. (RIBEIRO,2014)

O terceiro trabalho analisa a representação da violência contra a mulher no Jornal O Progresso no período de agosto a outubro de 2015. Nesta pesquisa, Santos e Sousa (2018) analisam 34 matérias com quatro categorias levantadas por elas: Femicídio, Homicídio e Vitimologia, Conscientização da violência contra a mulher e Banalização do estupro. O trabalho utilizou como base o método de análise de conteúdo de Bardin (2011).

A primeira categoria apresentada pelas autoras, foi a de “Femicídio, Homicídio e Vitimologia” e foram encontradas por elas 13 matérias que traziam estas características. Destas, duas chamaram atenção das autoras, pois exibiram as fotos e o nomes das vítimas expressando desespero e sofrimento pelo ocorrido.

Santos e Sousa (2018) afirmam que quanto a estas exposições, o jornal demonstra ter caráter sensacionalista, além de encontrar falhas ao apurar as notícias. As autoras também afirmam que em algumas matérias não há fontes nem oficiais como a policial, nem testemunhais. Outras observações feitas por elas são que nenhum órgão de amparo às mulheres se faz presentes nas matérias, contendo apenas um teor informal.

Sobre a categoria “Conscientização da violência contra a mulher”, as autoras encontram sete matérias que se encaixam nesta característica. Das matérias analisadas, todas tiveram o propósito de conscientizar sobre o combate da violência contra mulher, porém, as matérias não condizem com seus títulos, trazem apenas uma prestação de serviço acerca de alguma programação de eventos e resultados das ações já realizadas em Imperatriz e região.

Já na categoria “Banalização do estupro”, Santos e Sousa (2018) relatam que o jornal descontextualiza as informações acerca dos crimes e que algumas matérias trazem relatos superficiais. No caso do estupro, por exemplo, o jornal não traz dados nem especialistas a fim de trazer uma reflexão e conscientizar a população. Já na última categoria “Femicídio”, as autoras encontraram seis matérias. Elas perceberam que não há, mais uma vez, uma conscientização referente à violência contra mulher. Outra observação são que os títulos pouco referenciam a mulher e que as matérias não explicam quem são elas, além de que as poucas fotos publicadas, as vítimas estão sendo expostas a violência cometida. Por fim, Santos e Sousa (2018) concluem que O

Progresso teve uma cobertura superficial nas matérias, não trazendo reflexões ao seu público e ainda trazendo, de acordo com elas, justificativas para o crime, como o comportamento das vítimas.

Diante do contexto apresentado anteriormente sobre algumas notícias publicadas no jornal O Progresso, compreende-se o quanto o veículo tem sido falho na construção de suas notícias e o quanto o jornal precisa estar atento a essas questões sociais, pois são a partir destas publicações que os leitores conseguem ter uma visão crítica sobre assuntos que os rodeiam constantemente. Vale ressaltar que a exemplo das pesquisas aqui apresentadas, a proposta deste trabalho traz em seu trajeto, o objetivo de analisar as matérias publicadas no *oprogresso.net* sobre feminicídio durante os dois primeiros anos da pandemia da Covid-19 e refletir sobre este tema tão atual que será apresentado seguidamente.

#### **4 ANÁLISE DAS NOTÍCIAS SOBRE FEMINICÍDIO NO SITE O PROGRESSO.NET**

Esta pesquisa tem por objetivo analisar como são representadas as notícias sobre feminicídio no site do jornal O Progresso Online no decorrer da pandemia da Covid-19. De acordo com o Ministério da Saúde a Covid-19 “é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global”, que desde os meados de março de 2020, com a intenção de minimizar a transmissão do vírus, muitas cidades do país adotaram medidas como o distanciamento social para evitar a contaminação. Mas, apesar destas medidas serem de extrema importância, teve como efeito colateral um problema de saúde pública que já existia antes da pandemia: a violência contra mulher. À medida que os agressores passam mais tempo em casa, mais estas mulheres acabam sofrendo e tendo que passar mais tempo com esses criminosos, encontrando barreiras para ter acesso à rede de proteção e os canais para denunciar. Os dados apresentam que:

No período entre março e maio de 2020 houve um pequeno aumento de 2,2% nos casos de feminicídios registrados em comparação com o mesmo período de 2019 – foram 189 casos este ano, contra 185 no ano passado. No período acumulado, o estado do Acre apresentou um aumento de 400% nos registros, que passaram de 1 em 2019 para 5 em 2020. No Mato Grosso, esse aumento de 157,1% nos registros, passando de 7 para 18. O Maranhão foi de 11 casos para 20, aumento de 81,8% nos registros. Já o Pará teve um crescimento de 75% nos registros – de 8 para 14 (FBSP,2020)

Levantamentos feitos pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública - FBSP mostram que em todos os meses os índices de feminicídios e/ou homicídios em diversos estados aumentaram. Esta violência letal contra as mulheres indica uma redução de medidas protetivas de urgência, que é um meio fundamental para protegê-las em situação de risco. Sabe-se que este crime se inclui no rol de crimes hediondos e que muito contribui com o aumento da violência contra mulher no país. Considerando o ano de 2015, segundo a ONU, o Brasil ocupa a quinta posição no ranking mundial de feminicídios e com a chegada da Covid-19, este número veio por aumentar e tornar assim um dos motivos para realização deste trabalho.

Como objetivos específicos propõe-se identificar quais são as fontes presentes nas matérias e como elas são representadas, verificar os locais que aconteceram os crimes, identificar as motivações deste tipo de violação e como são narrados pelo jornal, além de identificar os perfis da vítima e do agressor. Com esse propósito, o trabalho buscou fazer um mapeamento das notícias publicadas sobre o feminicídio e suspeitas de feminicídio.

Outros pontos relevantes para melhor entendimento do objetivo da pesquisa também são levados em consideração, ainda que estas categorias não sejam específicas de análise, mas sim, para complementar o estudo sobre o tema. São elas: verificar como é o tratamento das mulheres nas notícias, em quais cidades o crime aconteceu e quais tipos de arma foram usadas para praticar o delito. Estas categorias ajudam a compreender a relevância do tema não somente para o veículo, mas também para sociedade.

O acesso ao material para análise deu-se por meio do site do jornal, disponibilizado na internet no endereço: <https://oprogressonet.com/>, no qual fica disponível a todos leitores/internautas que quiserem acessar. Foram identificadas um total 21 matérias noticiando 23 casos de feminicídio e três noticiando suspeitas de feminicídio. A quantidade de crimes (26) é maior do que as matérias catalogadas, por que uma mesma matéria noticia mais de um caso de feminicídio.

Para explorar as notícias identificadas, utilizou-se como método a análise de conteúdo definida por Bardin (2016, p. 165) “como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Este método permite classificar os dados em categorias e tratá-los em aspectos quantitativos, pois de acordo com Bardin (2011, p. 144) é definido como “a frequência de aparição de determinados elementos da mensagem”, além de que é possível interpretar as notícias através da “inferência”, termo utilizado por Bardin (2011) ao abordar sobre a análise qualitativa.

A autora trata, ainda, as diferentes fases para se fazer uma análise de conteúdo. De acordo com ela, inicia-se com uma pré-análise, selecionando os materiais que serão submetidos à pesquisa, além da formulação de hipóteses e indicadores para interpretação final. Bardin (2016) explana que para se iniciar a análise de conteúdo é



preciso realizar uma leitura “flutuante”, como diz ela. Esta leitura serve para estabelecer um melhor contato com os documentos, além de deixar suas impressões e orientações. Nesta fase é traçado o objetivo da análise que, no caso da presente pesquisa é analisar como são representadas as notícias sobre feminicídio no site do jornal O Progresso.net.

Após esta primeira parte, os dados são apurados e codificados nas chamadas unidades de registros, possibilitando descrever as características do conteúdo analisado. As unidades de registros podem ser: a palavras, o tema, o objeto ou referente, o personagem, o acontecimento, o documento e a unidade de contexto.

O trabalho é composto por pesquisas quantitativa e qualitativa, demonstrando a frequência de temas e conteúdo específicos do trabalho, trazendo como por exemplo, tabelas, gráficos e porcentagens a fim de apresentar a constância dos números. Sobre a pesquisa qualitativa, o trabalho busca apresentar características particulares das notícias publicadas e com isso, é possível deduzir e concluir os resultados a partir dos indícios apresentados nas notícias.

#### **4.1 Primeira análise: as fontes presentes nas matérias**

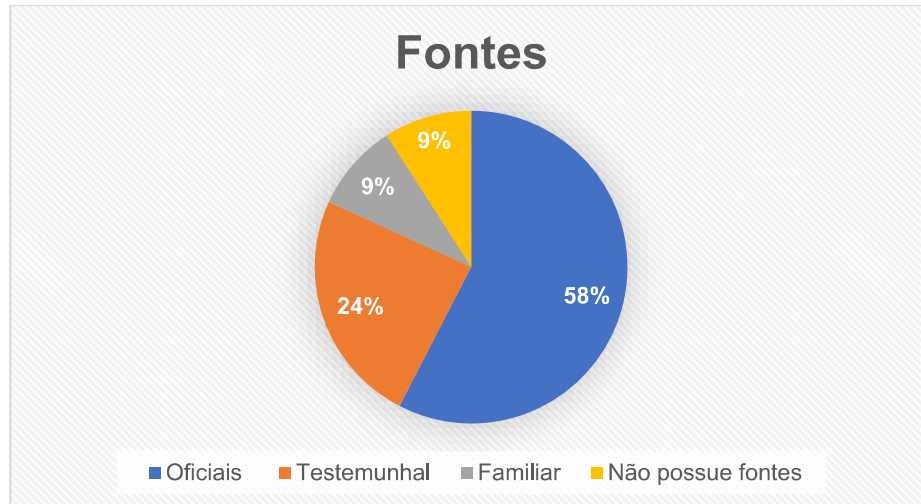
Após a decupagem das matérias, o primeiro ponto observado para análise foram as fontes jornalísticas presentes nas 21 matérias do site oprogresso.net durante o período analisado. Vale explicar que de acordo com Schmitz (2011):

Fontes de notícias são pessoas, organizações, grupos sociais ou referências; envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos; que agem de forma proativa, ativa, passiva ou reativa; sendo confiáveis, fidedignas ou duvidosas; de quem os jornalistas obtêm informações de modo explícito ou confidencial para transmitir ao público, por meio de uma mídia. (SCHMITZ, 2011, p. 9).

A princípio foi encontrado um total de 30 fontes citadas nas 21 matérias sobre feminicídio e tentativas de feminicídio. Desde já, observa-se a escassez de fontes presentes nas notícias veiculadas e o quanto o jornalista responsável precisa estar atento a estas questões, pois para que a notícia seja construída com todos os seus principais elementos jornalísticos, o jornalista necessita realizar suas atividades com critérios e valores. O gráfico a seguir demonstra quais as classificações das fontes

encontradas nas matérias analisadas sobre o feminicídio e tentativas de cometer o crime:

**Gráfico 1:** Relação dos tipos de fontes identificadas nas matérias sobre feminicídio e tentativa de feminicídio



**Fonte:** elaboração do autor (2022)

Observa-se que no gráfico acima, as fontes oficiais predominam com maior quantidade nas notícias veiculadas no site e somam 58%. Em segundo lugar estão as fontes testemunhais, com 24%. As fontes em que representam a família tanto da vítima quanto do autor do crime, apesar de ocupar o terceiro lugar no gráfico, somam 9% das fontes mencionadas. E por último, temos as notícias que não possuem nenhum tipo de fonte, representando, também 9% do total.

#### 4.1.1 As fontes oficiais

Das 30 fontes encontradas em todas as matérias analisadas, 19 delas se enquadram no tipo oficial, no que corresponde a 58% do total. Vale lembrar que as fontes oficiais são definidas como “alguém em função ou cargo público que se pronuncia por órgãos mantidos pelo Estado e preservam os poderes constituídos (executivo, legislativo e judiciário)” (SCHMITZ, 2011, p. 25). A maioria das fontes oficiais são informações cedidas por policiais e delegados que acompanham o caso. Das 19 fontes oficiais, 10 são relatos de policiais, oito são informações dadas pelos delegados

e apenas uma fonte são dos profissionais da Samu (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência) que se diferencia das demais, mesmo que não haja nenhuma fala deles na matéria. "Profissionais do Samu informaram que, pela análise do corpo, a vítima não tinha mais que duas horas de óbito" (OPROGRESSO.NET, 25 fev 2021, polícia).

Dado que as fontes oficiais possuem autoridades para falar sobre o assunto, elas foram as que mais apareceram nas matérias. Porém, vale ressaltar que para uma notícia ser completa, é necessário buscar outros tipos de fontes para, assim, complementar a matéria e o leitor poder ter mais informações. Ramos e Paiva (2007) afirmam em sua obra *Mídia e violência: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil*, que a predominância destas fontes policiais tem como contraponto a carência de importantes atores sociais nas páginas. As autoras complementam que "a consequência mais graves da dependência das informações policiais é que ela diminui a capacidade da imprensa de criticar as ações das forças de segurança" (RAMOS E PAIVA, 2007, p. 37).

#### 4.1.2 As fontes testemunhais

Outro tipo de fonte encontrada nas matérias é chamado de testemunhal. Segundo Schmitz (2011, p. 26) esta fonte de notícias "funciona como álibi para a imprensa, pois representa aquilo que viu ou ouviu, como partícipe ou observadora". Apesar de estar em segundo lugar no tipo de fontes mais citadas nas notícias, com 24%, poucas destas testemunhas tiveram as suas falas expostas no texto. Das oito fontes encontradas, apenas uma possui aspas. "Quando eu voltei, não vi mais a Hilux e o corpo da mulher já estava no local" (OPROGRESSO.NET, 14 jan 2021, polícia). Vale ressaltar também, que em todas as matérias nenhuma das fontes é identificada, o repórter informa da seguinte forma: "segundo testemunhas", "de acordo com informações de testemunhas", "Segundo informações de uma pessoa", "testemunhas afirmam". (anexo A).

Durante a análise, observou-se em uma matéria o excesso de um único tipo de fonte, a testemunhal, não demonstrando coerência e credibilidade com quem repassou tais informações, deixando de mencionar outros tipos de fontes, como os oficiais, compreendendo assim que o jornalista falhou na apuração do caso.

#### 4.1.3 As fontes familiares

Durante a análise foram identificadas apenas duas matérias que citam a família como fonte de notícias, porém, apenas em uma delas o jornalista expõe a fala dos familiares (irmã e irmão da vítima). “Diversas vezes ela terminou com ele e ele tentando voltar, não sei porque ele esfaqueou ela, foi muito brutal” (OPROGRESSO.NET, 20 abr 2021, polícia). “A gente está fazendo um grupo de amigos, pedindo ajuda para fazer o translado e tentar trazer o corpo para ser enterrado na terra natal dela” (OPROGRESSO.NET, 20 abr 2021, polícia).

Na segunda matéria analisada, a fonte é mencionada de maneira superficial, não aparecendo nenhum nome ou vínculo de parentesco com a vítima. “Segundo informações dos parentes da vítima, o casal foi a uma festa no sábado (26) e Adailson teve uma crise de ciúmes depois de ver a mulher dançando com outro homem” (OPROGRESSO.NET, 02 out 2020, polícia).

#### 4.1.4 Fontes não identificadas

Durante a pesquisa constatou-se que, das 21 matérias selecionadas sobre o tema, três delas não trazem nenhum tipo de fontes noticiosas (9%). De acordo com Santos (2011 apud ALSINA, 2009 p. 13), as fontes “desempenham um papel principal na geração da notícia”. É a partir dela que o leitor/internauta tem maior compreensão do fato e tem maior credibilidade com o veículo. A falta de muitos tipos diferentes de fontes resulta em uma cobertura pouco diversificada, com temas como direitos humanos, violência social, violência racial e étnica, gênero e violência doméstica, por exemplo, sendo raramente abordados (RAMOS; PAIVA, 2007).

Foi observado que muitas matérias possuem textos curtos e parágrafos com poucas informações sobre o crime. Um exemplo disto, é a notícia veiculada no dia 16 de agosto de 2021. Nela, uma mulher de 29 anos foi morta por golpes de facão pelo seu companheiro no município de Pedreiras -MA. O crime que é considerado o pior tipo de violência contra uma mulher, foi retratado em apenas três parágrafos com informações resumidas, diante do tamanho da atrocidade.

**Figura 2:** Notícia do site oprogresso.net

## Mulher é assassinada pelo companheiro em mais um feminicídio no interior do Maranhão

Feminicídio aconteceu na cidade de Pedreiras, distante 466 km de Imperatriz

Comentar

Assessoria

Qualitativo em Acessibilidade no interior do Maranhão 0:00



Eronilson, que já está preso, matou Maiana Cristina a golpes de facão - Foto: Divulgação/WhatsApp

**Pedreiras** - Uma mulher identificada como Maiana Cristina, de 29 anos, foi morta a golpes de facão na madrugada de domingo (15) pelo companheiro, identificado apenas como Eronilson, no município de Pedreiras, a 466 km de Imperatriz.

De acordo com informações, vizinhos acionaram a Polícia Militar. No entanto, houve demora na prestação de socorro à vítima, visto que o agressor estava mantendo o corpo de Maiana preso em casa. Foi necessária a chamada do Corpo de Bombeiros e da Polícia Civil para fazer negociações com o suspeito do crime.

Após negociações com o suspeito, ele se entregou à polícia e foi encaminhado à Delegacia Regional de Pedreiras. A vítima era jogadora de futebol de um time da cidade.

**Fonte:** oprogresso.net

Algumas destas matérias são escritas de forma resumida e muitas delas são retiradas de boletins de ocorrência ou de Assessoria de Comunicação – ASCOM. Na pesquisa, foram identificadas duas matérias recolhidas integralmente da Ascom da Polícia Militar do estado do Ceará. Estas matérias não possuem nenhum vínculo com a regionalidade do veículo analisado e, em ambos os releases, é publicado apenas o número de telefone da Delegacia do estado do Ceará.

Uma informação importante que notamos na pesquisa, foi que em nenhuma matéria analisada, o veículo traz falas de assistentes sociais, psicólogos e profissionais que possam acrescentar conhecimentos sobre os casos e até mesmo conscientizar os leitores/internautas sobre como prevenir estes crimes bárbaros. A origem do feminicídio não são consideradas no site e nem são discutidas na veiculação dos fatos. Constatase que mesmo sendo uma editoria de grande interesse público, a forma apresentada é

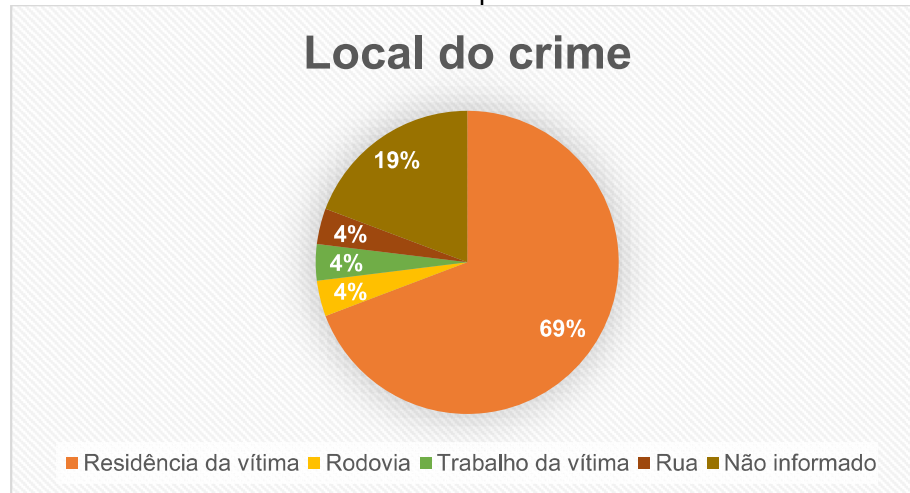
calcada em releases, BOs, sem buscar pluralidade nas fontes. A apuração é falha e o site pouco se preocupa na humanização e contextualização dos relatos.

#### **4.2 Os locais onde aconteceram os crimes**

De acordo com o último “Atlas da Violência 2021”, nos últimos 11 anos apontam que, a morte de mulheres dentro de sua residência teve um aumento de 10,6% entre 2009 e 2019. Já no caso das mortes fora dos seus lares houve uma redução de 20,6% no mesmo período. Com isso, a pesquisa observou que há um provável número de crescimento com relação à violência doméstica.

O Anuário Brasileiro de Segurança Pública mostra que em 2020, mais da metade das vítimas de feminicídio foram mortas em suas casas, chegando um total de 54% dos casos. Posteriormente, em 2021, o mesmo Anuário mostra que houve um aumento com o total e crimes cometidos nas residências representando 65,6% com relação a outras localidades.

Dos 26 casos de feminicídios e suspeitas de feminicídios veiculados no progresso.net, 18 destas mortes são cometidas dentro das residências das vítimas, o que corresponde um total de 69% dos acontecimentos. Outros locais mencionados nas matérias sobre a localidade foram a Rodovia MA-122 com 4%, seguida da mesma porcentagem sobre o local de trabalho da vítima, com 4%. Em quarto lugar, o local foi a rua, também com 4% do total. No caso de 19% das matérias analisadas, não foi informada a localidade onde aconteceu o caso. A seguir, o gráfico demonstra esses números para melhor compreensão:

**Gráfico 2:** Demonstrativo dos locais que aconteceram o crime veiculados

**Fonte:** elaboração do autor (2022)

Na maioria das matérias, o site noticia a morte nas residências das vítimas logo em seu lead ou no segundo parágrafo da matéria, apenas de maneira superficial informando sobre o caso, sem aprofundar as informações:

Na madrugada de sábado (13), uma mulher identificada como Rosa Silva Lopes, de 39 anos, foi morta a golpes de faca **dentro de casa**, no bairro Vila Nova, em Imperatriz. (MULHER É ASSASSINADA A FACADAS E AUTOR DO CRIME MORRE AO REAGIR À PRISÃO – OPROGRESSO.NET – 15/09/2020)

A vítima, Elizania Santos Rodrigues, foi encontrada morta em **cima da cama de sua residência**. O Samu confirmou o óbito no local. (MULHER É ENCONTRADA MORTA; EX-MARIDO É PRESO – OPROGRESSO.NET – 25/02/2021)

Testemunhas afirmam que Raimunda Maria **estava em casa**, quando o namorado, que **não teve o nome divulgado**, chegou ao local armado e deu início a uma discussão. (MULHER É ASSASSINADA COM TIRO DE ESPINGARDA – OPROGRESSO.NET – 01/07/2021)

Apenas em uma matéria foi identificado o crime de feminicídio em rodovias, no qual somam 4% do total. A matéria veiculada afirma que a vítima chamada Ana Clara estava na garupa da moto do seu atual namorado, quando foram atropelados por uma caminhonete dirigida pelo ex-marido da mulher e jogados em uma ribanceira. “Carlim do Jenipapo” e a professora Ana Clara estavam separados havia um ano, entretanto, ele ainda não tinha assimilado a separação e vivia perseguindo e fazendo ameaças à ex-mulher” (OPROGRESSO.NET, 08 jul 2021, polícia). Em nenhum momento a matéria

relata o caso de feminicídio, porém, deixa claro que o autor do crime já anunciava a tragédia e não aceitava o fim de relacionamento com a vítima, visto isto essa matéria também se encaixa sobre o crime de feminicídio.

Um dos locais identificados nas matérias, foi o trabalho da vítima, no qual duas mulheres foram mortas no mesmo ambiente. O crime aconteceu em um salão de beleza no bairro Nova Imperatriz, onde foram mortas duas mulheres e uma terceira sofreu tentativa de feminicídio. O autor do crime era o ex-namorado da proprietária do salão, identificada como Rayane da Silva Moraes e não aceitava o fim do relacionamento. Na ocasião, o suspeito chegou em um carro, cometeu os dois feminicídios e fugiu do local. Apesar da matéria identificar o nome da ex-namorada do criminoso, a mesma notícia afirma somente o primeiro nome da segunda vítima do feminicídio e não identifica nenhuma informação sobre a terceira vítima do caso. Diante disto, observa-se a falta de apuração com o ocorrido, visto que uma mulher também sofreu tentativa de feminicídio durante o crime. (anexo B).

Durante a pesquisa, observou-se que das 26 mortes das mulheres, apenas um caso aconteceu na rua. A matéria fala sobre a morte de uma jovem de 20 anos com o nome de Saniele da Conceição Moraes, que foi alvejada com vários disparos. A matéria se enquadra como suspeita de feminicídio, pois ainda há investigações sobre o caso. O autor do crime não é identificado na matéria, mostrando assim a falta de comprometimento com o leitor ao repassar as informações. “Ao deixar o estabelecimento, por volta das 2h30 da madrugada, um indivíduo de moto se aproximou e efetuou vários disparos contra a vítima, que morreu no local. O criminoso fugiu. (OPROGRESSO.NET, 09 fev 2021, polícia). Observa-se também que a notícia publicada é apenas um release da assessoria de comunicação da Polícia Militar do Maranhão. Carvalho (2007) afirma que a função do *release* é estimular o processo de informação para que ampliar os setores. Em outras palavras, o release deve despertar o interesse dos jornalistas que buscam mais informações sobre o assunto/fato e, assim, se basear para complementar mais a notícia e informação. Porém, em muitos casos, sabe-se que isto não acontece. Muitos jornalistas acabam usando os releases como matéria principal e não só como uma fonte de informação como deveria ser, como é o caso do material veiculado. (anexo C).

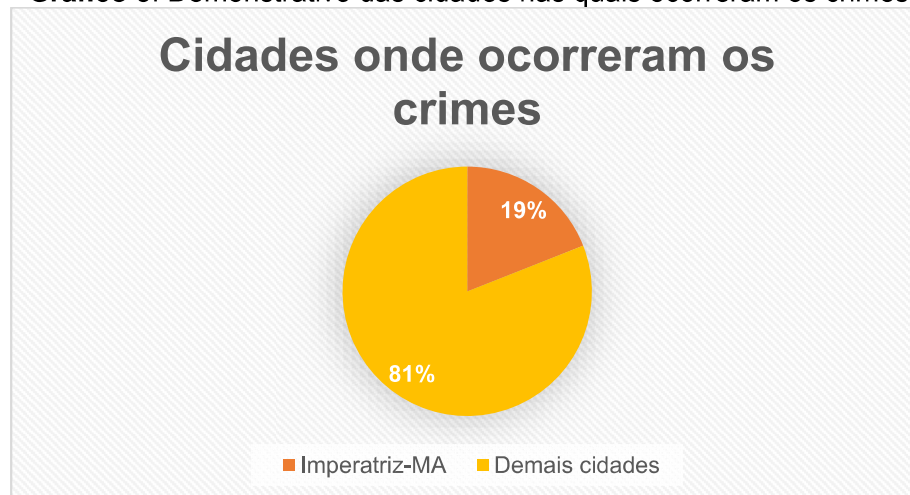


Houve também um total de cinco matérias que não foram identificadas o local que ocorreu o crime, isso corresponde a 19% do total de casos. “O corpo da jovem, com marcas de perfurações por arma branca (faca), foi desovado às margens da Avenida Pedro Neiva de Santana, na altura do Camaçari.” (OPROGRESSO.NET, 14 jan 2021, polícia). “Uma maranhense identificada como Débora Evangelista Brandão foi morta a facadas pelo ex-companheiro, no último domingo (18), na cidade de Phoenixville, no estado da Pensilvânia, nos Estados Unidos. (OPROGRESSO.NET, 20 abr 2021, polícia). Nestas duas matérias, em nenhum momento o jornalista responsável indicou o local que o crime aconteceu. (anexo D).

### 5.2.1 Cidades nas quais aconteceram os crimes

A análise destaca que os feminicídios veiculados no site do jornal oprogresso.net tiveram maior proporção em outras cidades do estado do que em Imperatriz. De 26 feminicídios e tentativas de feminicídios identificados no jornal, apenas quatro ocorreram na cidade de Imperatriz, com 19% da totalidade. Os outros 81% correspondem a outras cidades tanto do Maranhão, quanto também do estado do Ceará.

**Gráfico 3:** Demonstrativo das cidades nas quais ocorreram os crimes



**Fonte:** elaboração do autor (2022)

Foram identificadas outras 17 cidades em que os crimes aconteceram, entre elas: Itinga do Maranhão, Codó, Balsas, Campestre, Senador La Roque, entre outras.

Uma destas matérias o crime não ocorreu no Brasil. Fala de um feminicídio ocorrido na cidade de Phoenixville, no estado da Pensilvânia, nos Estados Unidos, na ocasião em que uma maranhense foi morta pelo ex-companheiro. Vale ressaltar que o jornal também noticiou dois casos de feminicídios ocorridos no estado do Ceará, nas cidades de Tauá e Acaraú. Estas matérias são apenas releases da ASCOM da Polícia Militar do Ceará e são carregadas de jargões. “A Polícia Militar estava em diligências na região, quando recebeu informações que o suspeito Antônio Kleuton Alves Costa (31) estava escondido na casa de parentes” (OPROGRESSO.NET, 10 out 2021, polícia). “Conforme as informações iniciais, um homem de 29 anos, com passagens por lesão corporal dolosa, teria entrado na casa da ex-companheira, de 24 anos, e a atacou com golpes de faca.” (OPROGRESSO.NET, 28 nov 2021, polícia).

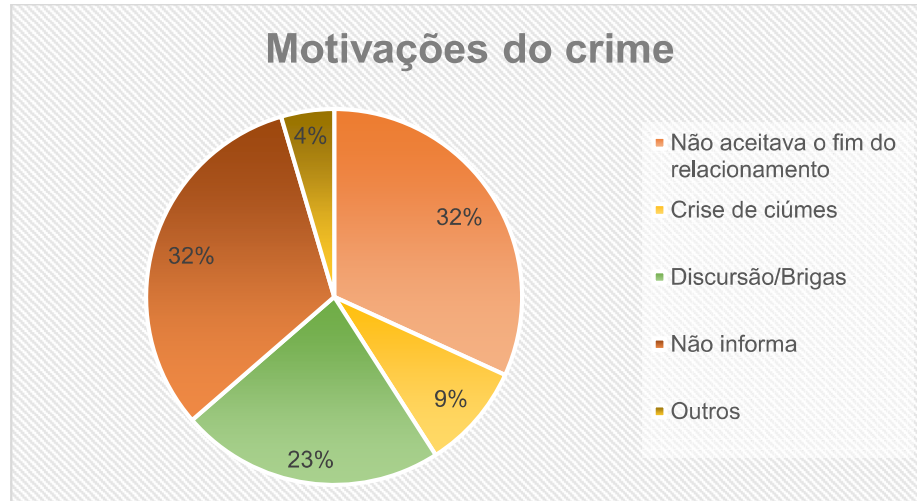
O jornal tem como slogan “expressão regional”, indicando em seu editorial que abrange não somente a cidade de Imperatriz, mas também toda região do Bico do Papagaio até Araguaína, o sul e sudoeste do Maranhão até São Luís. Entretanto, em nenhum momento verificou-se a sua abrangência no estado do Ceará, apesar de que muitas das cidades que ocorreram os casos não possuem veículo de comunicação próprio. Verificou-se também que apenas uma cidade com mais de um caso além de Imperatriz, São José de Ribamar, na qual dois casos foram noticiados durante o período analisado. Em Imperatriz, os bairros que sucederam os crimes foram: Novo Horizonte, Camaçari, Vila Nova e Nova Imperatriz.

#### **4.3 As motivações dos feminicídios veiculados no site**

Outro objetivo deste estudo foi averiguar se as notícias informam o porquê dos crimes, ou seja, se houve apuração sobre as motivações para este tipo de violação. Nas matérias analisadas, constatou que o principal motivo que pelo qual as mulheres foram mortas, foi o autor do crime não aceitar o fim do relacionamento. Das 26 mortes veiculadas, sete não superam o fim do término, representando 32% do total de motivações. Além disso, duas mulheres (9%) foram mortas por crises de ciúmes do parceiro e cinco por discutirem/brigarem com seus companheiros (23%). Em seis desses casos não são mencionadas a motivação pelo qual a mulher veio a óbito, mas

vale ressaltar que a maioria são assassinadas por homens que possuem comportamento machista e acreditam no sentimento de posse da mulher.

**Gráfico 4:** Principais motivações dos feminicídios e tentativas de feminicídios



**Fonte:** elaboração do autor (2022)

Uma das matérias analisadas foi categorizada como “outros” (4%), pois o motivo pelo qual uma mulher foi morta é dito apenas pelo suspeito do crime, mas é investigado pela polícia porque os familiares acreditam que a vítima sofreu o crime de feminicídio. Na ocasião, o suspeito afirma que a morte ocorreu durante uma tentativa de assalto e com isso, ocasionou a fatalidade, porém, familiares afirmam que o suspeito já teria tido agressões com a vítima anteriormente.

Em depoimento na delegacia, o militar afirmou que estava bebendo com os amigos e Carolina o ligou dizendo que havia pessoas batendo na porta do imóvel. Quando chegou ao local, o militar disse que foi recebido a tiros e viu apenas dois vultos e revidou ao ataque. A vítima estava dentro de casa e um dos disparos teria transfixado pela janela. Segundo o delegado Benedito Júnior, da Delegacia Regional com sede em Codó, onde o caso está sendo investigado, o cabo negou ter sido o autor do crime, que não teve discussão e o relacionamento estava bem. (OPROGRESSO.NET, 08 jul 2021, polícia).

No texto da matéria, não há falas de nenhuma testemunhas do fato, nem de familiares da vítima, isso mostra que o jornalista responsável se restringiu em apenas uma fonte, que foi o delegado. Nota-se também que em todos os casos veiculados o jornal não buscou propor nenhuma reflexão sobre os acontecimentos, uma vez que a

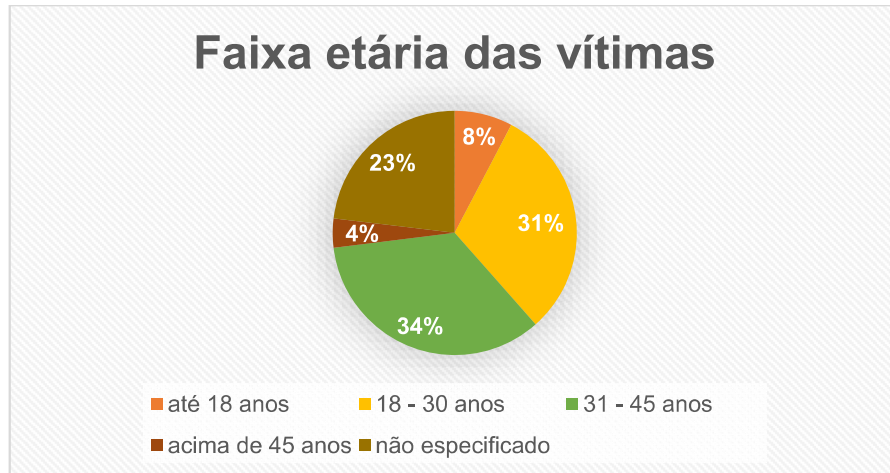
vítima nunca é a culpada pelo crime. Em nenhum texto das matérias veiculadas consegue-se constatar uma abordagem a fim de educar, conscientizar e aprofundar questões sobre o tema a fim de erradicar a problemática. Visto isso, nota-se a apuração dos fatos foi falha diante de tamanha situação.

Muitos dos veículos de comunicação alimentam o discurso de ódio nos casos de violência contra mulher e acabam que culpar a vítima pelo acontecimento. Nos dois casos de motivações por ciúmes (HAUSER, CASTRO, MENDONÇA, SATLER, 2017) expõe que “a vitimização do agressor através do argumento “ciúmes” produz a culpabilização da vítima, atribuindo-lhe as prerrogativas de provocadora dos fatos e merecedora de suas consequências”. Um exemplo disto foi exposto na matéria. “Ainda segundo a polícia, depoimentos de testemunhas relataram que o casal tinha brigas constantes por ciúmes, mas a vítima nunca solicitou medidas protetivas ou registrados casos de agressão ou ameaça” (OPROGRESSO.NET, 09 set 2020, polícia).

#### **4.4 Perfil da vítima e do autor do crime**

Observou-se que nas matérias veiculadas, não há investigações suficientes do perfil da vítima e do autor do crime para repassar ao leitor/internauta mais características informativas sobre eles. Muitas notícias são vagas e não identificam nem o primeiro nome dos envolvidos, trazendo apenas o relato do crime em poucas linhas sem aprofundamento como deveria ser.

Para identificar o perfil da vítima e do agressor, a pesquisa contabilizou nas matérias, todas as informações que falassem a respeito das pessoas envolvidas no caso. Constatou-se que a principal informação cedida pelo site na veiculação da notícia, foi a idade da vítima e do autor do crime. No gráfico a seguir, demonstra-se que a maior faixa etária de mulheres mortas são de 31 a 45 anos (34%), sendo a menor com acima de 45 anos (4%) identificadas na pesquisa. Em segundo lugar estão as vítimas entre 18 e 30 anos de idade (31%) e em terceiro, aquelas que têm até 18 anos (8%).

**Gráfico 5:** Faixa etária das vítimas de feminicídios e tentativas de feminicídios

**Fonte:** elaboração do autor (2022)

Como foi exposto acima, a principal informação dada sobre o perfil da vítima era a idade delas. Foram identificadas duas mulheres com idade até 18 anos (17 e 18 anos), oito mulheres do total tinha entre 18 a 30 anos de idade, sendo essa faixa etária ficando em segundo lugar. Quase na mesma proporção ficam as mulheres de entre 31 e 45 anos, no qual foram contabilizadas 9 vítimas no total, e apenas uma foi verificada com mais de 45 anos (47 anos). Destaca-se também que o número de mulheres com idade não identificadas corresponde com um número considerável, pois esta informação é de suma importância para descrever a vítima, no total seis mulheres não tiveram sua idade revelada no site. As outras informações cedidas pelas matérias sobre o perfil destas mulheres, estão expostas na tabela a seguir:

**Quadro 1:** Outras informações sobre perfil das mulheres

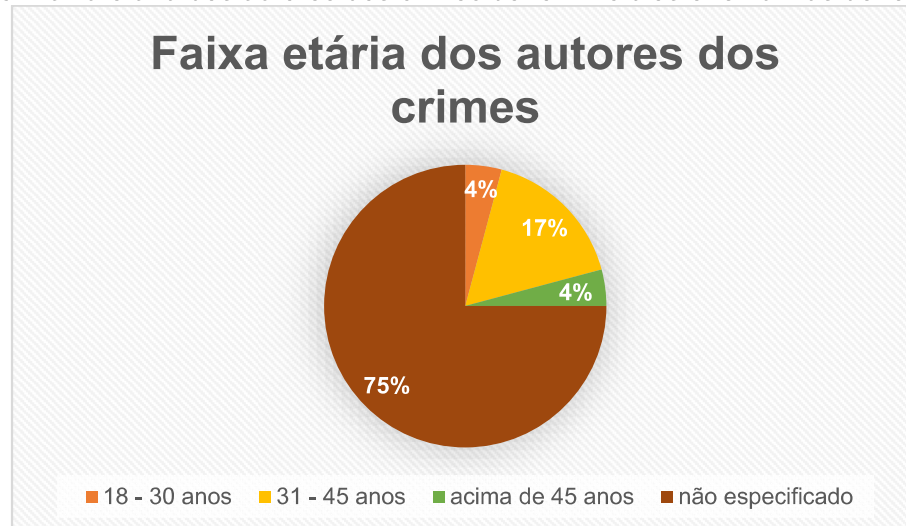
VÍTIMAS	FILHOS/PROFISSÃO
Raimunda Maria Queiroz Cruz	4 filhos
Ana Clara	professora, 2 filhos
Maiana Cristina	jogadora de um time de futebol
Gleyciane Mota Bandeira	Um filho
Maiana Cristina	Jogadora de um time de futebol
Elisângela Sousa dos Santos	Quatro filhos
Nome não identificado	Um filho

**Fonte:** oprogresso.net (período: março de 2020 a dezembro de 2021)

Sobre o perfil dos autores do crime, a pesquisa observou que na maioria dos homens, a idade não foi esclarecida pelas matérias. Dentre as 21 matérias

encontradas, 75% dos criminosos não tem sua idade revelada, com um total de 18. Sobre a idade daqueles que foram citados, somente um possui entre 18 a 30 anos (29 anos), correspondente a 4% do total, quatro possui entre 31 a 45 anos, equivale a 17% e apenas um agressor foi identificado com acima de 45 anos (54 anos).

**Gráfico 6:** Faixa etária dos autores dos crimes de feminicídios e tentativas de feminicídios.



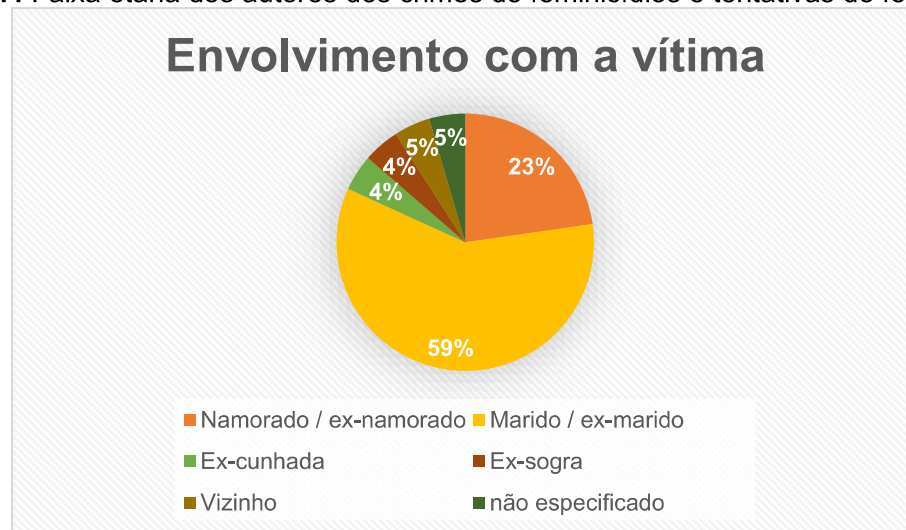
**Fonte:** elaboração do autor (2022)

Observou-se que em algumas matérias, o nome do autor não foi identificado, em outras foram citados apenas o apelido do criminoso, como por exemplo “Carlim do Jenipapo” e até mesmo somente a iniciais do nome. Apenas uma matéria fala sobre a profissão do acusado (policial militar) e duas apresentam apenas o primeiro nome. Percebeu-se também que em uma notícia veiculada, o criminoso foi tratado apenas como “indivíduo de moto” e “criminoso fugiu”, nenhuma informação a mais foi dita sobre o autor do crime. Já em outra matéria foi citado que o agressor já tinha condenação sobre feminicídio e estava em regime semiaberto, e novamente cometeu outro crime contra mulher.

Durante a pesquisa, nota-se que 82% dos casos são, na maioria, crimes cometidos por parceiros íntimos da vítima. Dentre esses parceiros, 59% são maridos/companheiros da vítima, que no total somaram 13 homens identificados e 23% são namorados ou ex-namorados da vítima, com um total de cinco criminosos. Foram identificados também que em uma matéria o autor tirou a vida da sua ex-esposa e

também de sua ex-cunhada, contabilizando um total de 4%, em outro caso o feminicida matou sua ex-mulher e sua ex-sogra ao tentar socorrer a filha. Como dito anteriormente na pesquisa, este episódio também se enquadra em caso de feminicídio. Já em outra matéria, o suspeito de feminicídio é o vizinho da vítima, que não tem seu nome revelado e faz parte de 5% do total. Em apenas uma matéria o autor do crime não foi identificado, correspondente a 5% do total.

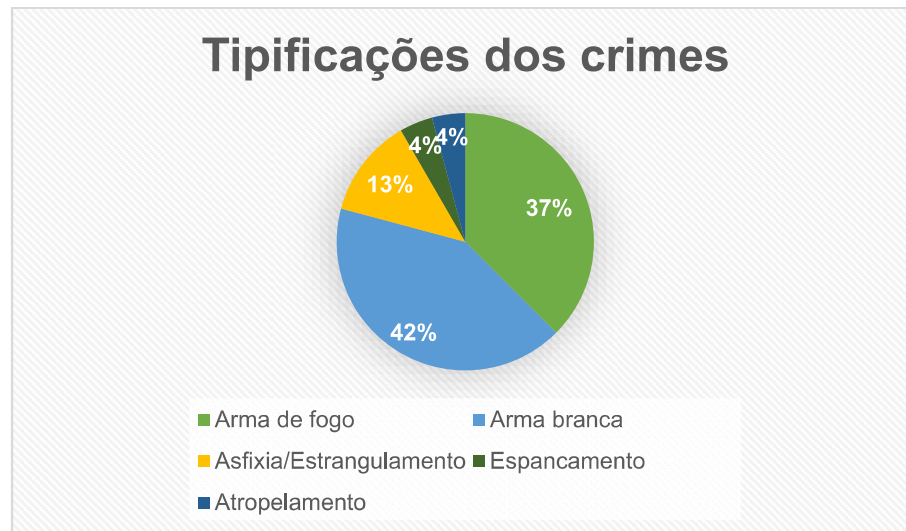
**Gráfico 7:** Faixa etária dos autores dos crimes de feminicídios e tentativas de feminicídios.



**Fonte:** elaboração do autor (2022)

#### 4.5 Tipificações do crime

Decidiu-se analisar outra categoria importante para análise deste estudo: os tipos de armas utilizadas no crime. Na maioria dos casos, a arma branca foi a mais utilizada pelos criminosos, correspondendo a um total de 42% dos assassinatos. Foram somadas um total de 10 armas brancas mencionadas nas matérias. Em segundo lugar, estão as armas de fogo, somando um total de 37% e ficou apenas com um número de diferença, nove destas mulheres foram mortas através deste tipo de arma. Foram identificadas uma mulher morta por espancamento, atingindo 4%, três foram mortas por asfixia/estrangulamento, equivalendo a 13% e uma foi morta por atropelamento.

**Gráfico 8:** Tipos de armas utilizadas nos crimes de feminicídios e tentativas de feminicídios

**Fonte:** elaboração do autor (2022)

Além de analisar quais foram os tipos de armas mais utilizados nos casos, observa-se que em algumas matérias, o veículo detalha a morte da mulher como forma sensacionalista para chamar atenção do leitor, dramatizando o fato para que o leitor possa imaginar a cena do crime. Em outro caso, o site publica a matéria com a imagem da vítima morta no chão do banheiro coberta de sangue. (anexo E). Nesta categoria, também se foi observado a falta de apuração jornalística com relação as vítimas e os autores que cometeram o crime. Conclui-se que o site acaba publicando falas e imagens sensacionalistas a fim de atrair o leitor, tratando o feminicídio como mais um caso isolado.



## 5 CONCLUSÕES

O presente trabalho de conclusão de curso - TCC teve como intuito analisar as matérias sobre feminicídio publicadas pelo jornal O Progresso Online, observando anatomia dos textos: as fontes, locais, motivações sobre o crime de feminicídio e identificação da vítima e do agressor, tal como a tipificação do fato contido nas notícias durante o período de março de 2020 a dezembro de 2021. O estudo sobre feminicídio publicadas pelo jornal O Progresso Online apresentou o conceito de jornalismo online e violência de gênero; apontou aspectos da história e linha editorial do jornal analisado e os resultados encontrados.

Os dados obtidos apontam que mais da metade (58%) das fontes das matérias são oriundas de informações oficiais que, por sua vez, apresentam os fatos de maneira descritiva e breve, ou seja, que não contextualiza as histórias de vida, e outros ângulos do acontecimento ou fontes, além das fontes oficiais. Para o jornalismo, é fundamental a apuração e detalhamento, o que não ocorre nas coberturas de crimes contra a mulher no jornal citado.

Quanto aos locais nos quais ocorreram a agressão, o cenário converge para os dados do Atlas da Violência (2021), que descreve a residência como local de maior incidência. Dentre as motivações existem dois setores alarmantes: término da relação e por motivos não abordados. No que diz respeito ao jornalismo, nas notícias reunidas faltam informações básicas, mesmo quando é uma nota. Não encontramos também abordagens diferentes, como reportagens especiais, com questionamento sobre essas ocorrências e o porquê de tanta violência e como combatê-la. O site trata apenas de mais um caso isolado na sociedade.

No que se refere à tipificação e caracterização da vítima e autor do crime, a mídia citada apresentou poucas informações nas notícias. Contudo, conforme as matérias analisadas, grande parcela dos agressores possui entre 31 a 45 anos e as vítimas estão na faixa de 18 a 30 anos, com filhos e que cuidam do lar.

No contexto estudado, entende-se que a pandemia dificultou o processo de investigação e apuração dos dados. Porém, notou-se que foram mantidas práticas na cobertura de violência já praticadas antes da pandemia, como o uso somente de fontes

oficiais e de registros policiais. Os gêneros das narrativas são a nota e a notícia, sem o veículo oferecer outros enquadramentos ou propostas de aprofundar a temática. Trata-se de uma cobertura precária para a gravidade das violências contra a mulher. Destaca-se a importância do jornalismo como forma de documentar e denunciar a violência doméstica, violência de gênero e feminicídio, por isso é preciso rever as formas de cobertura jornalística sobre a temática. Isso significa dizer que a falta de apuração faz com que a notícia seja reduzida em apenas uma nota.

Sabemos, contudo, que o estudo sobre violência doméstica é amplo e com diversos materiais, mas quando associado à pandemia, o recorte temático torna-se restrito e desafiador. Ao apresentar a análise do material e suas características, compreendemos que a pesquisa cumpriu seus objetivos e respondeu como os casos de feminicídio foram retratados no período de pandemia pelo site do jornal O Progresso.

Observando os resultados da pesquisa a longo prazo, constata-se que há possibilidades para novos estudos na área do jornalismo. É importante realizar trabalhos que apontem a rotinas dos jornalistas nas coberturas da violência contra a mulher; ouvir os jornalistas e suas dificuldades nas pautas sobre os feminicídios e investigar coberturas inovadoras quanto às pautas relativas à mulher como forma de aperfeiçoar o trabalho de apuração. Portanto, faz-se necessário apontar horizontes na atividade jornalística que não resuma a mulher vítima de violência como mais um número das estatísticas policiais. É preciso saber suas histórias, suas vozes, seus corpos e seus laços, enfim, é urgente valorizar a vida delas sempre.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Brasil tem 152 milhões de pessoas com acesso à internet.** 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-08/brasil-tem-152-milhoes-de-pessoas-com-acesso-internet#:~:text=Pesquisa%20promovida%20pelo%20Comit%C3%AA%20Gestor,anos%20t%C3%AAm%20internet%20em%20casa.>>.

AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. **Feminicídio.** [S. l.], 7 nov. 2016. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/feminicidio/>. Acesso em: 08 set. 2021.

ALMEIDA, C. B. de; VASCONCELLOS, V. A. Transexuais: transpondo barreiras no mercado de trabalho em São Paulo? **Rer. Direito GV [online]**. 2018, vol. 14. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-24322018000200303&tIng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-24322018000200303&tIng=pt)>. Acesso em: 20 jul. 2022.

ALSINA, M.R. **A construção da notícia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ASSUNÇÃO, T. S. **Imprensa em Imperatriz – MA:** uma proposta de periodização dos jornais impressos (1932 -2010). Monografia (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo, pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA), Imperatriz, 2011.

BAPTISTA, Juliana. **JORNALISMO NAS REDES SOCIAIS: O USO DO FACEBOOK PELOS JORNAIS ESTADÃO E FOLHA DE SÃO PAULO.** 131 p. 2014. Conclusão de Curso de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC), da Universidade Estadual Paulista. 2014.

BARDIN, L. (2011). **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70.

BANDIN, LAURENCE. **Analise de conteúdo.** Tradução Luís Antero Neto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. **Canais registram mais de 105 mil denúncias de violência contra mulher em 2020.** Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2021/03/canais-registram-mais-de-105-mil-denuncias-de-violencia-contra-mulher-em-2020>>.

BRASIL. **Lei 1.340, de 7 de agosto de 2006.** Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm)>. Acesso em: 09 de maio de 2022.

BRASIL. O que é a covid-19?. Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>>.

BUENO, Thaisa; BATALHA, Sara. Plugado na rede: levantamento apresenta os primórdios da mídia de Imperatriz na Internet. EDUFMA, Imperatriz, p. 207-2018. 2016.

BUFELLI, C.C. **A representação da mulher vítima de estupro coletivo em notícias do jornalismo digital**: o jornalismo e a construção da notícia.. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2020

CANAVILHAS, J.M. **Webjornalismo**. Considerações gerais sobre jornalismo na web. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf>>. Acesso em: 14 de maio de 2022.

CARVALHO, C.S. **O uso de release nos cadernos de cultura dos jornais impressos de Teresina**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008.

CETIC BR. **Cresce o uso de Internet durante a pandemia e número de usuários no Brasil chega a 152 milhões, é o que aponta pesquisa do Cetic.br**. 2021. Disponível em: <<https://cetic.br/pt/noticia/cresce-o-uso-de-internet-durante-a-pandemia-e-numero-de-usuarios-no-brasil-chega-a-152-milhoes-e-o-que-aponta-pesquisa-do-cetic-br/>>.

Defensoria Pública do Estado do Maranhão. **2.400 agressões em apenas 8 meses**. 2020. Disponível em: <<https://defensoria.ma.def.br/dpema/portal/noticias/6991/2-400-agressoes-em-apenas-8-meses>>.

DIAS, P.R.P.S.M. **A violência doméstica e familiar contra a mulher e a efetividade da lei maria da penha na justiça**: uma análise da aplicação das medidas protetivas de urgência na cidade de Imperatriz-MA.. 2014. 176 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GOIÂNIA, 2014.

ESCORSIM, S.M. Violência de gênero e saúde coletiva: um debate necessário. **Revista Katálysis** [online]. 2014, v. 17, n. 2

FONSECA, M. F. S. et al. O feminicídio como uma manifestação das relações de poder entre os gêneros. **JURIS - Revista da Faculdade de Direito**, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 49–66, 2018. DOI: 10.14295/juris.v28i1.7680. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/juris/article/view/7680>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Violência doméstica durante a pandemia de covid-19**. 2ª ed. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2020.

GAMA, Ruhani Maia; DADALTO, Maria Cristina. **A notícia como construção social no universo jornalístico**. Centro Universitário Vila Velha: 2009. Disponível <<file:///C:/Users/KLAYVER/Downloads/gama%20e%20dadalto.pdf>> Acesso em: 12 de maio. 2022.

GRUPO BANCO MUNDIAL. **O Combate à Violência contra a Mulher (VCM) no Brasil em época de COVID-19**. 2020. Disponível em: <<https://documents1.worldbank.org/curated/en/807641597919037665/pdf/Addressing-Violence-against-Women-VAW-under-COVID-19-in-Brazil.pdf>>

HAUSER, E. E; CASTRO, A. G; CASTRO, C.C; MENDONÇA N. L; SATLER, V. F. Crimes passionais: romantização da mídia e a tese de defesa de honra em homicídios "por amor". **Salão do Conhecimento: a matemática está em tudo**, Rio Grande do Sul, jan./2017. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/view/7721/6458>. Acesso em: 15 de julho de 2022.

IPEA. **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: FBSP, 2021.

LAGE, Nilson. Conceitos de jornalismo e papéis sociais atribuídos aos jornalistas. **Revista Pauta Geral Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, vol.1, n.1 p.20-25, Jan-Jul, 2014.

LIMA, N.N. **O que os jovens consomem nos jornais online**. Dissertação de (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Estudos dos Media e Jornalismo da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2015.

MARTINS, C. (2013). **Jornalismo Online: a convergência dos meios**. Biblioteca online de ciências da comunicação. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/martins-celia-2013-jornalismo-online-convergencia.pdf>. Acesso em: 03.09.2021.

MIELNICZUK, L. **Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. (Tese de Doutorado) FACOM/UFBA, 2003.

Ministério Público do Estado do Maranhão- MPMA. **Dados sobre violência contra mulher no Maranhão**. 2021. Disponível em: <<https://www.mpma.mp.br/portal-da-violencia-contra-mulher/>>. Acesso em 14 de junho de 2022.

OLIVEIRA, N.A. **A representação dos Movimentos Sociais nas páginas do Jornal O Progresso**. Monografia (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo, pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA), Imperatriz, 2016.

OPAS/OMS. **Devastadoramente generalizada**: 1 em cada 3 mulheres em todo o mundo sofre violência. 2021. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/noticias/9-3-2021-devastadoramente-generalizada-1-em-cada-3-mulheres-em-todo-mundo-sofre-violencia>>

Organização Mundial de Saúde-OMS. Violência contra as mulheres. 2021. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>> Acesso em 15 de junho de 2022.

OMS: uma em cada 3 mulheres em todo o mundo sofre violência. **ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS**. 2021. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/115652-oms-uma-em-cada-3-mulheres-em-todo-o-mundo-sofre-violencia>>. Acesso em: 12 de abril de 2022.

O PROGRESSO. Nossa História – 1º Edição. Imperatriz, 3 de maio 1970. Disponível em: <<http://www.oprogreso-ma.com.br/institucional/1-edicao.html>>. Acesso em 10 de maio de 2022.

RAMOS, Silva; PAIVA, Anabela. **Mídia e violência**: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro, IUPERJ, 2007. 192 p.

PALACIOS, Marcos. Jornalismo online, informação e memória: apontamentos para debate. Informação e comunicação online. **Jornalismo online, Universidade Federal da Bahia**, p. 75-89, 2003.

PASINATO, W. “Femicídios” e as mortes de mulheres no Brasil. **Cadernos Pagu**, n.37, p. 219 - 246, jul-dez, 2011.

PATH. **El femicidio en Nicaragua. Abordaje y propuesta de indicadores para la acción**. Managua: InterCambios, 2010. 60 p.

PIMENTEL, A. et al. **Maranhão lidera no aumento de feminicídios no Nordeste**. 2020. Elaborada por Agência Eco Nordeste. Disponível em: <https://ponte.org/nordeste-femicidios-pandemia/>. Acesso em: 26 de abril de 2022.

PINHEIRO, R.A. (ORGS.). **Comunicação, jornalismo e memória**: estudos regionais v.1. São Luís: EDUFMA, 2018.

REIS, Thais, A. IMPRENSA DO INTERIOR DO MARANHÃO: o percurso dos jornais de Imperatriz (1930-2010). **Outros Tempos: Pesquisa em Foco-História**, v. 18, n. 32, p. 350-370, 2021.

REIS, A. T. R; COSTA, N. L. XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. n<sup>o</sup>5. 2018. Feminicídio e Mídia: O Assassino Nunca é o Único que Mata. Bahia. **INTERCOM**. 2018.

RIBEIRO, V. **O peso do Press Release no processo de produção de notícias.** R BOCC: Biblioteca on-line de ciências da comunicação [Online], 2014.

ROXO, L. A. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. nº2, 2018, Joinville - SC. Jornalismo, jornalistas e notícias: uma revisitação teórica de conceitos em constante reinvenção. Rio de Janeiro. **INTERCOM.** 2018.

SAFFIOTI, H. I. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 16, p. 115–136, 2016.

SANTOS, A.C. et al. A violência masculina contra a mulher em sites paraibanos de notícia. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – São Luís - MA – 30/05 a 01/06/2019.

SANTOS, L.P. **Imperatriz: Capital Nacional Da Pistolagem? A Construção Do Homicídio No Jornal O Progresso.** Monografia (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo, pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA), Imperatriz, 2011.

SANTOS, Jackeline; SOUSA, Leila. A representação da violência contra mulher no Jornal O Progresso. **EDUFMA**, p. 39-52. 2018.

Schwingel, Carla. **Sistemas de produção de conteúdos no Ciberjornalismo A** composição e a arquitetura da informação no desenvolvimento de produtos **jornalísticos.** 345 p. PósGraduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. 2008.

SCHIMITZ, A.A. **Fontes de notícias: ações e estratégicas das fontes no jornalismo.** Florianópolis: Combook, 2011.

SIMIONI, F.; CRUZ, R. Da violência doméstica e familiar – artigo 5º. In: CAMPOS, Carmen Hein de (Org). **Lei Maria da Penha Comentada em uma perspectiva jurídico-feminista.** Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011.

SOUZA, M. M. G. P.; SANTOS, A. C.; BEZERRA, A. K.G. XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. 2019. São Luís, Ma. A violência masculina contra a mulher em sites paraibanos de notícia. Pernambuco. **INTERCOM.** 2019.

SOUZA, Deise. **JORNALISMO DIGITAL E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO DO PORTAL DE NOTÍCIAS G1.** p. 46. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social habilitação Jornalismo, da Universidade Regional do Noroeste. Rio Grande do Sul. 2016.

TELES, M. A. A.; MELO, M. **O que é violência contra a mulher**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2003.



## **ANEXOS**

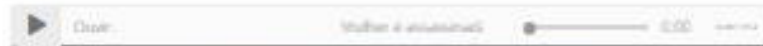
## ANEXO A – Exemplo de matéria citando testemunhas

# Mulher é assassinada com tiro de espingarda

Namorado da vítima é suspeito do crime e está sendo procurado

Comentar

SECARMA



Raimunda Maria foi assassinada com tiro de espingarda - Foto: Divulgação/Redes sociais

Na noite dessa quarta-feira (30), uma mulher identificada como Raimunda Maria Queiroz Cruz, de 33 anos, foi morta com um tiro de espingarda. Segundo a Polícia Civil do Maranhão, o suspeito de praticar o crime é o namorado da vítima, que está foragido.

O crime aconteceu por volta das 23h55, na rua Francisco Bernardino, no bairro Codó Novo, na cidade de Codó, a 535 km de Imperatriz.

Testemunhas afirmam que Raimunda Maria estava em casa, quando o namorado, que não teve o nome divulgado, chegou ao local armado e deu início a uma discussão.

Durante a confusão, o homem teria sacado de uma espingarda e atirou na região da clavícula da vítima, que morreu no local. Raimunda Maria foi assassinada na frente dos quatro filhos, que são menores de idade.

Segundo o delegado Benedito, da Regional de Codó, os vizinhos ouviram os tiros e foram até a casa da vítima e flagram o namorado de Raimunda. Os populares tentaram deter o suspeito, mas ele conseguiu fugir e ainda não foi localizado pela polícia.

O caso foi registrado como feminicídio na 4ª Delegacia Regional de Polícia Civil, que está investigando o crime.

## ANEXO B – Matéria indicando o local do crime no trabalho da vítima

16/11/2021 às 20h03min - Atualizada em 16/11/2021 às 20h03min

### Duas mulheres são assassinadas a tiros em Imperatriz

Uma terceira mulher foi atingida de raspão na cabeça

Comentar



Dema de Oliveira

Ouvir: Duas mulheres são a: 0:00 audívia



Wisses, acusado do crime, Rayanne e Iralides as vítimas fatais - Fotos:Divulgação/Redes Sociais

Uma mulher identificada como Rayane da Silva Moraes, de 29 anos, e outra identificada pelo prenome de Iralides, moradora de João Lisboa, foram mortas a tiros no fim da manhã desta terça-feira (16) no bairro Nova Imperatriz. Uma terceira mulher foi baleada de raspão na cabeça e se encontra no Hospital Municipal de Imperatriz para onde foi levada pelo Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU), mas não corre risco de morte.

Segundo a Polícia Civil, o crime aconteceu quando as vítimas estavam no Salão de Beleza Nails Art, localizado na Rua São João, entre Pernambuco e Paraíba, Nova Imperatriz.

Os disparos foram efetuados por Wisses Lucena, ex-namorado de Rayanne, que inclusive já estava de posse de uma medida protetiva contra ele. Na noite de sábado, Wisses Lucena encontrou Rayanne em casa com o novo namorado, que reagiu e deu uns tapas nele. Wisses prometeu matar Rayanne.

Wisses chegou ao local em um veículo Golf vermelho e após cometer os dois feminicídios e uma tentativa, fugiu e está sendo procurado.

As duas mulheres morreram no interior do salão de beleza. Segundo a polícia, a mulher Iralides, que morreu durante o crime, trabalhava como diarista e havia começado a trabalhar no salão há poucos dias.

As investigações apontam que o suspeito não se conformava com o fim o relacionamento com Rayane. Policiais civis e militares estão realizando buscas na tentativa de localizar o suspeito.

Link <https://opressonet.com/no/>

Assinatura Digital

Edições em PDF e Flipbook

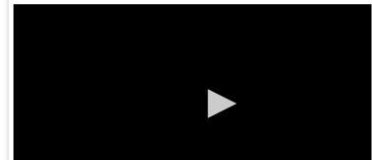


Assine Agora



TV Progresso Web

Sistema Integrado de Comunicação Digital



## ANEXO C – Exemplo de matéria publicada apenas o release

09/02/2021 às 00h00min - Atualizada em 09/02/2021 às 00h00min

# Jovem é morta a tiros em Lago da Pedra

Comentar

Facebook

WhatsApp

Twitter

+ Mais...

Assessoria/PM-MA

Ouvir: Jovem é morta 0:00 audívia



Saniele da Conceição Moraes foi morta a tiros  
- Foto: Reprodução/Whatsapp

Uma jovem de 20 anos foi assassinada a tiros na madrugada deste domingo (07) na cidade Lago da Pedra, a 350 km da Imperatriz. Esse é segundo óbito registrado somente no fim de semana no município, onde um homem já tinha sido assassinado.

A mulher identificada como Saniele da Conceição Moraes estava com uma amiga em um bar do bairro Vieira Neto. Ao deixar o estabelecimento, por volta das 2h30 da madrugada, um indivíduo de moto se aproximou e efetuou vários disparos contra a vítima, que morreu no local. O criminoso fugiu.

Segundo informações, o irmão de Saniele também foi morto a tiros há algum tempo na mesma cidade. A jovem era filha de um famoso locutor da cidade, conhecido como Besourão. Ela morava no estado de Goiás e estava visitando a família em Lago da Pedra.

A Polícia Militar e Guarda Municipal de Lago da Pedra estiveram no local para os procedimentos cabíveis. O corpo de

## ANEXO D – Exemplo de matéria que não informa o local do crime

20/04/2021 às 20h00min - Atualizada em 20/04/2021 às 20h00min

# Maranhense é assassinada pelo ex-namorado nos Estados Unidos

Família está tentando trazer o corpo para ser sepultado em Balsas

Comentar

Facebook WhatsApp Twitter Mais...

Dema de Oliveira

Ouvir: Maranhense é assassinada p... 0:00 audívia

SHARE THIS ARTICLE WITH THOSE WHO HAVE READING OR VISION DIFFICULTIES

#aud inclusion audívia



Uma maranhense identificada como Débora Evangelista Brandão foi morta a facadas pelo ex-companheiro, no último domingo (18), na cidade de Phoenixville, no estado da Pensilvânia, nos Estados Unidos.

Débora, de 34 anos, morava nos Estados Unidos há cerca de cinco anos com os dois filhos. O autor do crime, Danilo Sousa Cavalcante, foi preso pela polícia americana no estado da Virgínia, uma hora e meia após o assassinato.

Segundo Sara Brandão, irmã de Débora, o ex-namorado não aceitava o fim do relacionamento. "Diversas vezes ela terminou com ele e ele tentando voltar, não sei porque ele esfaqueou ela, foi muito brutal", disse.

Em Balsas, a família de Débora está pedindo ajuda para trazer o corpo para o Brasil. "A gente está fazendo um grupo de amigos, pedindo ajuda, para fazer o traslado e tentar trazer o corpo para ser enterrado na terra natal dela", disse Washington Brandão, irmão da vítima.



Assinatura Digital  
Edições em PDF e Flipbook

Assinado de assédio, presidente da Caixa Econômica pede demissão

### o progresso

DESDE 1970

Assaltantes explodem carro-forte

O PROGRESSO - 30 de junho de 2022

BADKAR

Assine Agora

Elson Araújo 1/10/2022

COMEMORA-SE HOJE  
29/06

Dia do Telefonista

o progresso

TV Progresso Web  
Sistema Integrado de Comunicação Digital